U.PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

Habitar o Invisível

Uma Curadoria Crítica Sobre a Crise da Habitação

Daiane Silva

Projeto de Mestrado em Estudos de Arte – Estudos Museológicos e Curadoriais,
apresentada à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Orientadora: Professora Doutora Andreia Magalhães

Porto, 2026

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Andreia Magalhães, pelo acompanhamento, disponibilidade e orientação ao longo do desenvolvimento deste projeto.

Aos artistas, coletivos e instituições que contribuíram para este trabalho.

À minha família e amigos pelo apoio, incentivo e compreensão ao longo deste percurso académico.

Resumo

A presente investigação consiste no desenvolvimento do projeto curatorial *Habitar o Invisível*, uma proposta expositiva que aborda a crise da habitação em Portugal a partir das questões do despejo, do esvaziamento urbano e da resistência coletiva. A exposição reúne fotografia, instalação, documentário, materiais de arquivo, registos sonoros e materiais produzidos em contexto de manifestação, organizando-se em torno de três núcleos temáticos: despejo, esvaziamento e resistência.

Do ponto de vista metodológico, este projeto centra-se numa investigação que cruza enquadramento teórico, análise de exposições e práticas curatoriais, estudo de obras artísticas e reflexão sobre o espaço expositivo e a experiência do visitante. Através desta articulação, *o* projeto expositivo propõe uma reflexão crítica sobre as transformações urbanas contemporâneas, a habitação e o direito à cidade.

Palavras-chave: Curadoria; Habitação; Cidade; Memória; Gentrificação; Arte Contemporânea.

Abstract

This research consists of the development of the curatorial project *Inhabiting the Invisible* (*Habitar o Invisível*), an exhibition proposal that addresses the housing crisis in Portugal through the themes of eviction, urban emptying, and collective resistance. The exhibition brings together photography, installation, documentary film, archival materials, sound recordings, and materials produced in the context of housing rights demonstrations, and is organised around three thematic sections: eviction, emptying, and resistance.

From a methodological perspective, this project is based on research that combines theoretical framing, the analysis of exhibitions and curatorial practices, the study of artistic works, and reflection on exhibition space and visitor experience. Through this articulation, the exhibition project proposes a critical reflection on contemporary urban transformations, housing, and the right to the city.

Keywords: Curating; Housing; City; Memory; Gentrification; Contemporary Art.

Índice

Lista de figuras..... 8
Introdução..... 9
1. Habitar: entre o visível e o invisível..... 11
1.1. A crise da habitação em Portugal..... 11
1.2. Invisibilidades urbanas: quem fica fora da cidade..... 13
1.3. Práticas artísticas contemporâneas em torno da habitação..... 14
2. Enquadramento teórico..... 16
2.1. Instituições e casos curatoriais relevantes..... 17
2.2. Práticas e discursos curatoriais na arte contemporânea..... 19
2.3. Referências: exposições e projetos sobre habitação..... 20
3. Habitar o Invisível - Projeto de exposição..... 30
1. Componente curatorial..... 32
1.1. Título..... 32
1.2. Sinopse..... 32
1.3. Memória descritiva..... 32
2. O processo curatorial..... 36
2.1. Metodologia curatorial e critérios de seleção..... 36
2.2. Lista de obras..... 38
2.3. Obras e Artistas..... 41
2.3.1. Vazio - Associação Cobalto..... 41
2.3.2. Materiais Documentais — Cartazes, Fotografias e Registos de Áudio..... 45
2.3.3. New Lisbon - Gonçalo Fonseca..... 52
2.3.4. Como (re)escrever a história da cidade do Porto? - Cultura em expansão..... 59
2.3.5. O que vai acontecer aqui? (2019) - Left Hand Rotation, documentário, 83 minutos..... 62
2.3.6. Bonfim. Islas del Tesoro - Left Hand Rotation..... 65
2.4. Articulação Conceptual das Obras no Projeto Expositivo..... 68
2.5. Narrativa expositiva e percurso do visitante..... 71
2.6. Programa público..... 74
3.Componente de produção..... 76
3.1. Equipa..... 76
3.2. Cronograma..... 78
3.3. Orçamento..... 79
3.4. Financiamento..... 81
4. Comunicação..... 83
4.1. Plano de comunicação..... 84
Referências Bibliográficas..... 86

Filmografia e Documentos Audiovisuais.....87
Exposições..... 87
Recursos Online.....88

Lista de figuras

Fig.1. O Processo SAAL: Arquitectura e Participação, 1974-1976, Museu de Serralves, Porto, Novembro 2014 - Fevereiro 2015
https://josepedrocortes.com/O-Processo-SAAL-Museu-de-Serralves-2014

Fig.2. Mais do que Casas: Como vamos habitar em abril 2074? Fotografia de Nuno Almendra
https://www.timeout.pt/lisboa/pt/coisas-para-fazer/mais-do-que-casas-como-vamos-habitar-em-abril-2074

Fig.3. Exposição Habitação! Fotografia : Autoria Própria

Fig.4. Um Fogo – Rúben Santiago https://sismografo.org/pt/programacao/um-fogo/

Fig.5, 6, 7. Exposição *Vazio* - Fotografias: *Associação Cobalto*

Fig.8, 9, 10, 11. Manifestações no Porto sobre a Crise de Habitação. Fotografia: Autoria Própria

Fig. 12, 13 e 14. Recolha de cartazes de manifestações

Fig. 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 24. Seleção da série fotografia *New Lisbon* de Gonçalo Fonseca

Fig.24 - Documentário *O que vai acontecer aqui?* Left Hand Rotation

Fig.25 - Projeto *Bonfim. Islas del Tesoro* do coletivo Left Hand Rotation

Introdução

A habitação constitui um direito fundamental e uma condição central para uma vida digna em sociedade. Em Portugal, este direito encontra-se atualmente sob forte pressão, em particular nos principais centros urbanos de Porto e Lisboa, mas já alastrado em todas as cidades médias do país.

Segundo dados do Eurostat relativos ao quarto trimestre de 2025, Portugal registou uma das maiores subidas da União Europeia nos preços da habitação, com um aumento anual de 18,9%[1]. O aumento contínuo dos preços de venda e arrendamento agravou igualmente a taxa de esforço habitacional, afetando sobretudo jovens, estudantes e famílias de rendimentos médios e baixos. Paralelamente, a reduzida oferta da habitação pública em Portugal evidencia a fragilidade estrutural das políticas habitacionais perante as transformações recentes do mercado imobiliário.

Nos contextos urbanos do Porto e de Lisboa, esta realidade manifesta-se de forma concreta através do esvaziamento dos bairros históricos, da substituição dos habitantes por usos turísticos ou especulativos e da progressiva perda de vínculos comunitários. Muitas destas transformações operam de forma silenciosa, deixando marcas nos edifícios, nos interiores domésticos e nas rotinas quotidianas, mas raramente encontram representação nos discursos oficiais da cidade. É a partir desta ausência que surge o projeto *Habitar o Invisível*, uma proposta curatorial que procura tornar visíveis as dimensões ocultas da crise habitacional em Portugal através das práticas artísticas.

Este relatório apresenta o desenvolvimento de um projeto expositivo, concebido para ser apresentado em espaço físico, que articula práticas artísticas contemporâneas, nomeadamente fotografia, vídeo e instalação, com uma reflexão crítica sobre o habitar, a cidade e as desigualdades urbanas.

A escolha do tema resulta de um interesse contínuo pelas transformações da cidade contemporânea e pelas consequências que estas produzem sobre os seus

[1] Eurostat, *House prices and rents went up in Q4 2025* (Luxembourg: European Commission, 2026), https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/w/ddn-20260407-1

habitantes, em particular sobre aqueles que permanecem à margem dos processos de valorização urbana. A partir do contexto português, este projeto procura dialogar sobre o direito à habitação, a justiça espacial e o papel da arte enquanto ferramenta crítica e de mediação social. Assim, as obras selecionadas abordam questões como o despejo, a gentrificação, o abandono habitacional e a resistência coletiva. Desta forma estabelece ligações com territórios específicos e com movimentos sociais ligados ao direito à habitação.

Do ponto de vista metodológico, este projeto centra-se numa investigação que cruza enquadramento teórico, análise de exposições e práticas curatoriais, estudo de obras artísticas e reflexão sobre o espaço expositivo e a experiência do visitante. *Habitar o Invisível* através da exposição, pretende-se criar um lugar onde as ausências ganham visibilidade, onde as histórias silenciadas encontram forma e onde as práticas assumem um papel ativo na construção de consciência sobre o direito a habitar a cidade.

Concebido como uma proposta curatorial de caráter crítico, o projeto reúne práticas artísticas contemporâneas, materiais documentais e registos de ativismo urbano num percurso centrado nas experiências de despejo, precariedade habitacional e transformação urbana em Portugal. Através da relação entre arte contemporânea, memória e território, o projeto propõe uma reflexão crítica sobre o direito à cidade e sobre os impactos das transformações urbanas nas comunidades residentes.

1. Habitar: entre o visível e o invisível

Habitar constitui parte da estrutura principal da experiência humana situada entre a necessidade biológica de abrigo e a construção simbólica de identidade. Como defende Martin Heidegger, “nós não habitamos porque construímos, mas construímos e temos construído porque habitamos” (Heidegger, 2015, p.11). Este pensamento valoriza que o habitar é a maneira como nos relacionamos com o lugar onde vivemos e com as pessoas ao nosso redor. No entanto, na cidade contemporânea, assistimos a uma fratura profunda entre o visível, a arquitetura como espetáculo e mercadoria, e o invisível, a experiência vivida, muitas vezes marcada pela precariedade e pelo desenraizamento.

Nos dias de hoje, a visibilidade urbana é gerida por políticas de imagem que privilegiam a cidade-postal. Esta cidade visível é composta por fachadas recuperadas, espaços públicos atraentes e uma narrativa de modernidade e cosmopolitismo. Contudo, esta superfície esconde o que denominamos de invisibilidade do habitar, as camadas de história social que são apagadas no processo de renovação, as rotinas domésticas que são interrompidas pelo despejo e a desmaterialização da casa em ativo financeiro. A crise não é apenas a falta de tetos, mas também o desgaste de habitar no sentido pleno da palavra.

1.1. A crise da habitação em Portugal

A crise habitacional que Portugal atravessa não constitui um fenómeno súbito, mas resulta antes do culminar de um processo histórico marcado pelo desinvestimento público, aliado a uma reorientação da política urbana para a captação de capital transnacional. No âmbito do projeto expositivo *Habitar o Invisível*, torna-se essencial compreender de que forma o território, e em particular as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, se transformou progressivamente de um espaço de habitação e vivência quotidiana num ativo financeiro de elevada rentabilidade. Esta secção analisa causas estruturais da crise, as alterações legislativas e os seus impactos sociais e humanos, constituindo o enquadramento que sustenta a reflexão curatorial desenvolvida neste projeto.

O momento decisivo na política habitacional portuguesa contemporânea pode ser encontrado na crise financeira de 2008. No contexto do programa de ajustamento económico da Troika, Portugal implementou a *Lei n.º 31/2012*, que liberalizou o mercado de arrendamento e facilitou os despejos através do Novo Regime do Arrendamento Urbano (NRAU). Embora esta medida tenha sido desenhada para dinamizar a reabilitação de edifícios degradados, acabou por funcionar como um acelerador da precariedade habitacional, permitindo a denúncia de contratos antigos e a rápida subida de rendas nos centros históricos (Mendes, 2017).

Perante isto, a esta alteração legislativa juntou-se a criação de mecanismos de captação de investimento externo, como os Vistos Gold e o regime para Residentes Não Habituais. Estes consolidaram a ideia da habitação como um ativo financeiro seguro para o capital transnacional, em detrimento do seu valor de uso social. Este processo de financeirização da economia portuguesa contribui para transformar o património imobiliário num veículo de extração de renda, alimentando circuitos financeiros que operam à margem da realidade salarial e das necessidades básicas da população local (Reis et al., 2014).

Neste contexto, as cidades de Lisboa e do Porto foram alvo de um processo acelerado de turistificação. O aumento descontrolado do Alojamento Local (AL) retirou milhares de fogos do mercado de arrendamento convencional, contribuindo para o esvaziamento de bairros tradicionais e a rotura de redes de vizinhança. Segundo João Seixas (2021), os processos de reabilitação urbana associados à valorização turística têm sido acompanhados pelo esvaziamento residencial de vários territórios urbanos, o que contribui para a produção de dinâmicas de exclusão e deslocação que este projeto procura analisar.

Atualmente, esta situação apresenta uma gravidade acentuada pela reduzida oferta de habitação pública em Portugal, que representa apenas cerca de 2% do total das habitações, um dos valores mais baixos da União Europeia (Santos, 2018). Esta ausência de intervenção deixou a população, em particular os jovens e as famílias de rendimentos baixos, expostas a um mercado pouco regulado onde os salários não acompanham o custo da habitação.

Importa ainda sublinhar que esta crise não se manifesta apenas na falta de habitação física, mas na periferização forçada e na perda do direito à cidade (Lefebvre, 2001). Ou seja, é esta violência invisível, o trauma do despejo, o abandono dos idosos nos centros gentrificados e a descaracterização cultural do Porto, que serve de fundamento para a seleção das obras deste projeto, onde a produção artística é convocada para documentar o que as estatísticas económicas tendem, frequentemente, a omitir.

1.2. Invisibilidades urbanas: quem fica fora da cidade

A reconfiguração dos centros urbanos do Porto e de Lisboa não se limita a uma alteração estética ou económica, mas também produz novas formas de invisibilidade social. Logo, à medida que as cidades se orientam para o consumismo e presença turística, os habitantes que não se enquadram nestas dinâmicas de rentabilidade são empurrados para as margens, tanto geográficas como simbólicas. Por conseguinte, assiste-se a uma limpeza social operada por via do mercado, onde a valorização do espaço público é inversamente proporcional à possibilidade de nele permanecer (Mendes, 2017).

Esta invisibilidade do habitar manifesta-se no quotidiano de quem, mesmo residindo nos centros históricos, vive num estado de precariedade latente. De modo que, são os idosos que perdem o acesso ao comércio de proximidade, os jovens que enchem apartamentos por falta de alternativa e as redes de vizinhança que se dissolvem perante a transformação do turismo. A narrativa da cidade-postal apaga as rotinas domésticas e os vínculos afetivos, transformando bairros vivos em museus a céu aberto ou palimpsestos de consumo.

A cidade na encruzilhada em que se encontra corre o risco de se tornar um território sem habitantes, onde o que é visível, o luxo e o lazer, esconde a erosão sistemática da vida comunitária e da justiça espacial (Seixas, 2021).

1.3. Práticas artísticas contemporâneas em torno da habitação

Ao longo do século XX, as práticas artísticas aproximaram-se progressivamente de questões sociais e políticas, assumindo, em muitos contextos, uma dimensão crítica e interventiva. Neste sentido, a relação entre arte e ativismo tornou-se particularmente relevante nas práticas contemporâneas que abordam desigualdades urbanas, precariedade social e direito à cidade.

No contexto da crise da habitação, diversos artistas e coletivos têm desenvolvido trabalhos centrados nos impactos da gentrificação, da especulação imobiliária e dos processos de deslocação urbana. Estas práticas procuram criar formas de reflexão sobre as transformações recentes das cidades e sobre as experiências daqueles que são diretamente afetados por elas. Entre os antecedentes mais relevantes encontra-se *If You Lived Here...*[2] (1989), projeto desenvolvido por Martha Rosler na Dia Art Foundation, em Nova Iorque, frequentemente referido como uma das principais referências na articulação entre prática artística, exposição e questões relacionadas com habitação e justiça urbana.

Segundo Foster (2004), várias práticas artísticas manifestam um impulso arquivístico, recuperando memórias, testemunhos e vestígios frequentemente ausentes das narrativas institucionais. Neste contexto, a arte pode funcionar como espaço de construção de contra-narrativas sobre a cidade contemporânea.

Na seleção de obras para este projeto de exposição, denota-se uma relação entre prática artística, documentação e ativismo torna-se particularmente evidente em projetos audiovisuais centrados nas transformações urbanas contemporâneas. No filme *O que vai acontecer aqui?*[3] (2019), do coletivo Left Hand Rotation, os processos de despejo e turistificação em Lisboa são abordados através de

[2] *If You Lived Here...* (1989), desenvolvido por Martha Rosler na Dia Art Foundation, em Nova Iorque, consistiu num projeto expositivo composto por três exposições, debates públicos, seminários e colaborações com ativistas, arquitetos, investigadores e comunidades afetadas pela crise habitacional. Frequentemente referido como uma referência na articulação entre arte, curadoria e intervenção social, o projeto procurou transformar o espaço expositivo num local de discussão pública sobre habitação, desigualdade urbana e direito à cidade.

[3] Left Hand Rotation, *O que vai acontecer aqui?* (2019), documentário realizado em colaboração com os movimentos Habita! e Stop Despejos. https://vimeo.com/357310878

testemunhos diretos, imagens documentais e registos do espaço urbano em transformação. O filme propõe uma reflexão crítica sobre os mecanismos económicos e políticos que produzem deslocação e exclusão urbana. Neste contexto, a prática artística aproxima-se de formas de investigação social e intervenção pública, articulando imagem, território e memória coletiva.

Já o podcast *Como (re)escrever a história da cidade do Porto?*, desenvolvido no âmbito do programa *Cultura em Expansão*[4], propõe uma reflexão sobre transformação urbana, memória coletiva e direito à cidade através do formato radiofónico e da conversa pública. A utilização do som e do testemunho oral permite construir formas de proximidade e escuta que complementam a dimensão visual da exposição, aproximando o espaço curatorial de experiências quotidianas frequentemente ausentes dos discursos institucionais sobre a cidade contemporânea.

A utilização de cartazes, registos sonoros, arquivos fotográficos e testemunhos aproxima o espaço expositivo de formas de participação política que ultrapassam os limites tradicionais das instituições culturais.

A mostra da precariedade habitacional exige um equilíbrio entre denúncia social e respeito pelas experiências representadas, evitando transformar situações de vulnerabilidade em objeto de consumo visual ou espetacularização mediática.

Por último, importa sublinhar que a criação artística pode constituir uma forma de resistência à erosão do direito à habitação e à normalização das desigualdades urbanas. Embora a arte não resolva diretamente os problemas estruturais da crise habitacional, pode estimular formas de debate público sobre o direito à cidade e à permanência no espaço urbano.

[4] Episódio de podcast *Como (re)escrever a história da cidade do Porto?* - Cultura em expansão https://open.spotify.com/episode/4h6Dy2olZYRJ1r9SMnyWRn?si=1b79b0bae5f64855

2. Enquadramento teórico

O enquadramento teórico deste projeto de mestrado define-se pela interseção entre a prática curatorial, a ética da representação e a urgência política do direito à habitação. Ou seja, num cenário de profunda mudança urbana, a curadoria não pode ser entendida como uma atividade neutra de seleção de objetos, mas sim como um dispositivo de produção de discurso que intervém na esfera pública. Esta abordagem fundamenta-se na necessidade de questionar como é que as imagens e os dispositivos expográficos podem conferir visibilidade a processos de exclusão que a narrativa oficial das cidades procura omitir. A curadoria assume-se aqui como uma *prática situada*, que reconhece o seu papel na construção de novos imaginários sociais e na denúncia das desigualdades espaciais.

O conceito de *curatorial* deve ser entendido como algo que extravasa a mera montagem de exposições. Isto é, oferecer um campo de possibilidades que envolve a criação de relações entre obras de arte, contextos sociais e públicos (Lind, 2010). No projeto *Habitar o Invisível*, este pensamento procura materializa-se na escolha de obras que operam como documentos e testemunhos. A exposição pretende produzir um conhecimento sensível sobre a crise, utilizando a produção artística como uma ferramenta de investigação que penetra nas camadas mais profundas e menos visíveis do tecido urbano.

Esta perspetiva liga-se diretamente à ideia de que a política e a estética são indissociáveis, uma vez que ambas determinam o que é visível e audível num determinado espaço comum (Rancière, 2010). A crise da habitação em Portugal, ao empurrar as populações mais vulneráveis para a invisibilidade, opera uma divisão desigual do sensível que a curadoria tem o dever de interromper.

Importa salientar que existe um impulso arquivístico que leva os artistas a recuperarem histórias esquecidas ou a darem forma a memórias que o poder instituído tenta apagar (Foster, 2004). Nomeadamente, no contexto do Porto e de Lisboa, onde a transformação acelerada da cidade elimina vestígios do quotidiano popular, a curadoria deve atuar como uma guardiã desses fragmentos.

Esta abordagem é reforçada pela noção de que a nossa interdependência social torna certas vidas mais vulneráveis quando os sistemas de suporte e proteção falham (Butler, 2011). A perda da habitação representa uma fragilização ontológica que a curadoria deve tratar com um rigor extremo, evitando a espetacularização da pobreza. O objetivo é criar um espaço de reconhecimento e de hospitalidade, onde o visitante seja confrontado com a precariedade da condição urbana atual. A exposição deve, por isso, funcionar como um lugar de reflexão ética, onde a imagem do outro não seja consumida, mas sim acolhida como parte de uma responsabilidade partilhada pela justiça espacial.

Esta perspetiva tem igualmente implicações ao nível da construção expositiva. Se a exposição procura abordar experiências marcadas pela perda, pela deslocação e pela invisibilização, a expografia deve contribuir para tornar essas realidades percetíveis ao visitante. A organização do espaço, a relação entre as obras e os diferentes dispositivos expositivos participam, assim, na construção de uma experiência que convoca memória, vulnerabilidade e reflexão crítica. A curadoria torna-se, assim, o dispositivo que articula reflexão crítica e experiência estética, permitindo que problemáticas sociais e políticas encontrem expressão no espaço expositivo.

2.1. Instituições e casos curatoriais relevantes

A seleção de exposições e projetos curatoriais dedicados à habitação em Portugal permite identificar diferentes estratégias de abordagem às questões do direito à cidade e da transformação urbana. Estes casos demonstram uma crescente aproximação entre prática curatorial, investigação e intervenção social, entendendo o espaço expositivo como um lugar de reflexão crítica sobre os desafios contemporâneos do habitar. Tradicionalmente centradas na preservação do património ou na celebração da autoria arquitetónica, as instituições têm adotado modelos mais próximos da museologia crítica, onde o espaço expositivo funciona como um laboratório de cidadania. Esta mudança reflete a necessidade de responder às urgências sociais, transformando o museu numa plataforma de

mediação entre a investigação académica, a prática artística e a experiência vivida das populações.

Por exemplo, o programa *Cultura em Expansão*[5], promovido pela Câmara Municipal do Porto, constitui um estudo de caso relevante sobre a desterritorialização da prática curatorial. Ao levar a produção artística para os bairros e ao envolver os moradores na criação de conteúdos, como é o caso das peças sonoras e registos audiovisuais. A curadoria, neste contexto, define-se pela proximidade e pela escuta, focando-se naquilo que Maria Lind (2010) identifica como a capacidade de o curatorial criar contextos de relação e de impacto direto no tecido social.

Nomeadamente, outra instituição de referência é o Garagem Sul, no Centro de Arquitetura do MAC/CCB, que tem desenvolvido uma linha curatorial focada na dimensão ética da arquitetura. Através de exposições como *Em Casa*[6], este espaço tem promovido uma reflexão sobre a habitação enquanto prática de coabitação e resistência. O modelo institucional aqui aplicado recusa a espetacularização do projeto arquitetónico para privilegiar a discussão sobre políticas públicas e modelos de gestão comunitária. Estes exemplos demonstram que a curadoria contemporânea em Portugal tem procurado caminhos para integrar a crise de habitação no espaço expositivo. Quer seja através da recuperação do arquivo revolucionário ou da intervenção comunitária direta, estas práticas institucionais sustentam a ideia de que o espaço expositivo é um terreno de disputa política. Ao adotar estas referências, o presente projeto de mestrado inscreve-se numa linhagem de práticas curatoriais que reconhecem a responsabilidade social do museu perante as desigualdades urbanas, reafirmando a instituição cultural como

[5] *Cultura em Expansão* é um programa do Gabinete de Arte e Coesão da Câmara Municipal do Porto, criado em 2014, que promove projetos artísticos desenvolvidos em articulação com comunidades locais e diferentes territórios da cidade. Através de metodologias participativas e descentralizadas, o programa procura aproximar a criação artística das experiências quotidianas dos habitantes e estimular formas de envolvimento cultural no espaço urbano. Disponível em: https://www.culturaemexpansao.pt/sobre/_2026/#anchor=ckwU1GM4I5ReOyQy

[6] *Em Casa: Projetos para Habitação Contemporânea*, apresentada na Garagem Sul do Centro Cultural de Belém (Lisboa), entre 16 de abril e 5 de setembro de 2021, com curadoria de Margherita Guccione, Pippo Ciorra, André Tavares e Sérgio Catumba, reuniu projetos de arquitetura provenientes da coleção do MAXXI (Roma), e explorou diferentes abordagens ao habitar contemporâneo. A exposição estruturou-se como um percurso que articulava propostas de habitação individual e coletiva, evidenciou a diversidade de respostas arquitetónicas às transformações sociais e urbanas recentes e propondo uma reflexão sobre as relações entre indivíduo, comunidade e espaço habitado.

um lugar de proteção da memória e de ensaio para novas formas de justiça espacial.

2.2. Práticas e discursos curatoriais na arte contemporânea

No panorama das práticas artísticas contemporâneas, o discurso curatorial tem-se afastado de uma visão meramente estética para adotar uma postura de investigação sobre a realidade social. Esta transição manifesta-se na utilização das obras artísticas como um dispositivo de testemunho, onde o objeto artístico carrega consigo a memória de processos de transformação urbana e de conflito habitacional. A curadoria, ao lidar com estas práticas, assume o papel de organizar narrativas que desafiam a visão higienizada da cidade-postal, focando-se naquilo que as políticas de mercado procuram tornar invisível.

Um eixo central nestas práticas é a exploração do vestígio como forma de resistência. Quando um artista recolhe materiais de edifícios em demolição ou de espaços domésticos abandonados, ele não está apenas a trabalhar com a matéria, mas com a história das expulsões e da desestruturação comunitária. Este gesto de recolha e recontextualização no espaço expositivo permite que o visitante confronte a materialidade da perda. A exposição deixa de ser um lugar de contemplação passiva para se tornar um espaço de reconhecimento, onde a precariedade das vidas afetadas pela crise habitacional ganha uma presença física e inquestionável (Butler, 2011).

Os registos sonoros têm ganho uma relevância crescente nos discursos curatoriais sobre a cidade. A utilização de paisagens sonoras, entrevistas e podcasts no espaço da galeria permite uma imersão que a imagem, por vezes, não alcança. Esta curadoria sonora permite que a exposição funcione como um arquivo vivo, onde a voz do habitante é preservada contra o apagamento imposto pela gentrificação e pela turistificação.

Esta prática curatorial comprometida reflete o que se define como um impulso arquivístico, onde o artista e o curador colaboram na construção de um contra-arquivo das lutas urbanas (Foster, 2004). Ao colocar em diálogo obras de

arte, documentos históricos e manuais de resistência, a curadoria constrói um dispositivo crítico que não se limita a representar a crise, mas que participa ativamente na produção de uma consciência política. Em última análise, os discursos curatoriais nas práticas artísticas contemporâneas sobre habitação visam transformar a galeria num espaço de insurgência visual, onde a linguagem artística recupera a sua função de arquivo crítico e de ferramenta de emancipação social.

2.3. Referências: exposições e projetos sobre habitação

Para compreender diferentes abordagens curatoriais às questões da habitação e das transformações urbanas, foram selecionados quatro projetos que considero referências para a minha investigação: *O Processo SAAL: Arquitetura e Participação, 1974–1976, Mais do que Casas: Como vamos habitar em Abril de 2074?, HabitAção!* e *Um Fogo.* Apesar de distintos nos seus contextos, formatos e estratégias expositivas, estes projetos partilham uma preocupação comum com as formas de habitar, a memória dos territórios e os impactos sociais das transformações urbanas. A análise dos quatro projetos selecionados permite desenvolver a estratégia metodológica deste projeto, identificando diferentes abordagens curatoriais à problemática da habitação em Portugal. Apesar das diferenças de escala, contexto institucional e modelo de organização, desde grandes instituições museológicas a espaços independentes e projetos participativos, estes exemplos articulam prática artística, investigação e intervenção social. Neste sentido, não funcionam apenas como referências visuais, mas como modelos de pensamento curatorial que cruzam arquivo, prática artística e intervenção pública. Através da observação destas exposições, é possível delinear uma linhagem de curadoria de urgência que procura responder ao fenómeno da gentrificação e da perda do direito à cidade.

***O Processo SAAL: Arquitetura e Participação, 1974–1976* (2014)**



Fig.1. *O Processo SAAL: Arquitectura e Participação, 1974-1976,* Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves, Porto, Novembro 2014 - Fevereiro 2015

A exposição *O Processo SAAL*[7]*: Arquitetura e Participação, 1974–1976* teve como principal objetivo reavaliar o papel do SAAL na história da arquitetura portuguesa, deslocando a atenção dos resultados formais para os processos sociais que lhes deram origem. Através de uma vasta seleção de desenhos, fotografias, documentos administrativos, materiais audiovisuais e testemunhos dos intervenientes, a exposição evidenciou o caráter excecional de uma experiência em que o projeto arquitetónico se desenvolveu em estreita articulação com os movimentos de moradores. Neste sentido, a mostra propôs uma leitura do SAAL não apenas como um programa habitacional, mas como um laboratório político de participação, cidadania e de construção coletiva do território.

[7] O Serviço Ambulatório de Apoio Local (SAAL) foi criado em julho de 1974, na sequência da Revolução de 25 de Abril, sob coordenação do Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo Nuno Portas. O programa procurava responder às carências habitacionais das populações de baixos rendimentos através de processos participativos que envolviam moradores organizados em comissões, equipas técnicas multidisciplinares e organismos públicos.

Esta abordagem revelou-se particularmente relevante para o desenvolvimento de *Habitar o Invisível*, uma vez que demonstrou como os documentos de projeto, os testemunhos e os registos visuais podem ultrapassar a sua função documental e assumir um papel ativo na construção de narrativas sobre a habitação e a memória coletiva.

A exposição organizada pelo Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves constitui um importante referencial histórico para a reflexão sobre o habitar em Portugal. A estratégia curatorial de Pedro Gadanho evitou a tradicional retrospectiva linear, optando por um modelo de exposição-arquivo que refletia o caos criativo e a urgência política do período revolucionário. A curadoria pensou a arquitetura não como um objeto acabado, mas sim em processo e participativo. No espaço expositivo, a convivência entre desenhos técnicos de grande escala, fotografias de campo de cariz documental e testemunhos orais em dispositivos de áudio criou uma polifonia que colocava o arquiteto e o morador no mesmo patamar de importância.

Do ponto de vista da montagem, a utilização de estruturas de madeira crua e a disposição densa de documentos originais evocavam o ambiente de estaleiro e a precariedade das construções do SAAL. Esta opção curatorial foi fundamental para retirar o projeto de uma redoma académica e devolvê-lo à sua dimensão social e combativa. Como refere Gadanho, as operações SAAL foram inovadoras porque "introduziram processos de participação num sistema de planeamento urbano tipicamente imposto a partir de cima", proporcionando "um modelo concreto de integração das necessidades primordiais dos destinatários" (Gadanho, 2014)[8]. A curadoria conseguiu demonstrar que a solução para a crise habitacional passou, historicamente, pela união entre o conhecimento técnico e a vontade popular, utilizando o arquivo como uma ferramenta de ativação política (Gadanho, 2014). Para o projeto *Habitar o Invisível*, a lição do SAAL reside nesta capacidade de transformar o documento técnico em prova emocional e política.

[8] Ver Pedro Gadanho, "São Victor entre recepção e persistência do legado SAAL", in *O Processo SAAL: Arquitetura e Participação, 1974–1976* (Porto: Fundação de Serralves, 2014), p. 70. Integrado no catálogo da exposição homónima, o texto propõe uma reavaliação do SAAL enquanto experiência de arquitetura participativa, sublinhando o papel dos moradores na definição das soluções habitacionais e a atualidade política do seu legado.

***Mais do que Casas: Como vamos habitar em Abril de 2074?* (2024)**



Fig.2. *Mais do que Casas: Como vamos habitar em abril 2074?,* MUDE – Museu do Design. Lisboa, Portugal | setembro de 2024 – janeiro de 2025. Vista da exposição. Créditos: Fotografia por Nuno Almendra.

O programa e exposição *Mais do que Casas: Como vamos habitar em Abril de 2074?*, apresentado no Mude - Museu do Design (Lisboa) em 2024, surgiu no âmbito das comemorações dos cinquenta anos da Revolução de Abril[9] e procurou promover uma reflexão alargada sobre os desafios atuais e futuros da habitação. Este projeto foi desenvolvido pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto em articulação com 25 instituições de ensino superior portuguesas, o projeto envolveu cerca de 1750 estudantes e 280 docentes numa investigação coletiva sobre novas formas de habitar[10]. Segundo os curadores Teresa Novais e Luís Tavares Pereira, esta iniciativa nasceu da convicção de que *a* "diversidade do tecido social é a norma e a transformação da cidade inevitável para acolher e dar voz a todos, bem como da necessidade de recuperar a lembrança da energia irradiante e

[9] O programa integrou as iniciativas nacionais de celebração dos cinquenta anos do 25 de Abril de 1974, procurando promover uma reflexão prospetiva sobre a habitação em Portugal a partir do legado social e político da Revolução

[10] O projeto reuniu participantes de 25 instituições de ensino superior portuguesas e desenvolveu-se ao longo de dois anos de trabalho colaborativo, constituindo uma das mais amplas iniciativas académicas dedicadas ao tema da habitação realizadas em Portugal.

transformadora do 25 de Abril de 1974 para nortear as ações de hoje e do futuro”[11] (Novais e Pereira, 2025, p.21).

Mais do que apresentar soluções fechadas para a crise habitacional, a exposição assumiu-se como um espaço de questionamento e experimentação. A partir de propostas desenvolvidas por estudantes de diferentes áreas disciplinares, o projeto procurou explorar cenários alternativos para o futuro da habitação, entendendo o exercício especulativo não como uma fuga à realidade, mas como uma ferramenta crítica para a interpretar e transformar. Esta posição é sintetizada pelos curadores na expressão o real como matéria, a especulação como instrumento[12], que serviu de base conceptual a toda a exposição.

A curadoria adotou, assim, uma abordagem participativa e plural, recusando a procura de uma resposta única para os problemas da habitação. Em vez disso, reuniu múltiplas perspetivas sobre temas como a inclusão urbana, a sustentabilidade, a participação cidadã, os novos modelos habitacionais e a adaptação às alterações climáticas. A utilização de maquetes, ensaios visuais, protótipos e dispositivos expositivos de grande escala permitiu transformar o museu num espaço de debate público, onde o visitante era convidado a refletir criticamente sobre o futuro das cidades e dos modos de habitar.

A relevância desta referência para o presente relatório reside na capacidade da exposição de articular investigação, projeto e participação pública. Ao converter o espaço expositivo num lugar de reflexão coletiva e produção de conhecimento, *Mais do que Casas* demonstrou que a exposição pode assumir um papel ativo na construção de imaginários sobre o futuro, funcionando não apenas como dispositivo de representação, mas também como instrumento de intervenção cultural e social[13].

[11] Catálogo : *Mais do que Casas: Como vamos habitar em Abril de 2074?*

[12] Esta formulação sintetiza a metodologia adotada pelos curadores, segundo a qual os cenários apresentados não devem ser entendidos como previsões do futuro, mas como instrumentos críticos para pensar os desafios contemporâneos da habitação, da cidade e do território.

[13] Para além da exposição, o programa resultou na publicação de um catálogo e de um guia de intervenção, evidenciando a intenção de prolongar a discussão para além do espaço museológico e de produzir ferramentas de reflexão para o futuro das políticas habitacionais.

Para o desenvolvimento de *Habitar o Invisível*, esta exposição revelou-se particularmente relevante pela forma como utilizou o espaço expositivo para tornar visíveis questões habitualmente ausentes do debate público. Tal como em *Mais do que Casas*, o projeto procurou utilizar a exposição não apenas como um meio de apresentação de resultados, mas como um dispositivo capaz de estimular reflexão crítica sobre o habitar, a memória e a relação entre os indivíduos e o território. A valorização de múltiplas perspetivas e a articulação entre investigação, experiência e participação constituíram aspetos especialmente inspiradores para a definição da abordagem curatorial adotada.

***HabitAção!* (Coimbra, 2025)**



Fig.3. *HabitAção!*, Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal | outubro de 2025 a janeiro de 2026. Vista da exposição. Créditos: Fotografia autoria própria

A exposição *HabitAção!*, apresentada pelo Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra no âmbito do programa *Mais do que Casas*, destacou-se pela forma como transformou o ensino da arquitetura num instrumento de reflexão crítica sobre o habitar contemporâneo. Estruturada a partir do trabalho desenvolvido nas unidades curriculares de Projeto do Mestrado Integrado em Arquitetura, a iniciativa reuniu propostas produzidas por estudantes e docentes em torno de diferentes realidades habitacionais, explorando problemáticas que vão desde a habitação estudantil à integração de comunidades migrantes, da memória urbana à coabitação intergeracional.

O conceito central do projeto assentava numa visão abrangente do habitar. Segundo a apresentação do programa, estas ações entendem o habitar como algo que procura articular "o espaço público e a célula, entre o coletivo e o indivíduo"[14]. Esta perspetiva permitiu abordar a habitação não apenas como uma questão arquitetónica, mas também como um fenómeno social, cultural e territorial.

A estratégia curatorial privilegiou a diversidade de contextos e utilizadores, apresentando propostas desenvolvidas para diferentes realidades urbanas e sociais. Desde as repúblicas estudantis de Coimbra à habitação para refugiados em Soure, passando pela reabilitação de bairros sociais ou pela coabitação intergeracional, a exposição demonstrou que os desafios do habitar exigem respostas múltiplas e adaptadas às especificidades de cada comunidade. Neste sentido, aproximou-se da ideia defendida por Luís Miguel Correia de que "a arquitetura não é só reflexiva, é atuante e transformadora"[15], utilizando o projeto como instrumento de intervenção crítica sobre a realidade.

A relevância desta referência para o projeto *Habitar o Invisível* reside na forma como articula investigação, ensino e intervenção social. Mais do que apresentar objetos arquitetónicos concluídos, *HabitAção!* valorizou o processo de projeto enquanto ferramenta de análise crítica da realidade, demonstrando que a arquitetura pode constituir um meio para compreender fenómenos sociais complexos e imaginar alternativas para os desafios habitacionais do presente.

[14] Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, "HabitAção!", programa *Mais do que Casas*, 2024.
[15] Luís Miguel Correia, diretor do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, utilizou esta expressão no âmbito do seminário *HABITAÇÃO! Seminário sobre Projetos e Políticas do Habitar*, realizado a 2 e 3 de maio de 2024. Ver Universidade de Coimbra, "Habitação em debate na Universidade de Coimbra", disponível em: https://noticias.uc.pt/artigos/habitacao-em-debate-na-universidade-de-coimbra/

Um Fogo – Rúben Santiago (2023)



Fig.4. Rúben Santiago, *Um Fogo*, Sismógrafo. Porto, Portugal | janeiro–fevereiro de 2023. Vista da exposição. Créditos: Fotografia por Sismógrafo

A exposição *Um Fogo*[16], apresentada por Rúben Santiago no Sismógrafo[17], no Porto, em 2023, desenvolveu uma reflexão sobre habitação, memória e transformação urbana a partir de um gesto aparentemente simples: a deslocação para o espaço expositivo do soalho de uma casa senhorial abandonada e destinada à demolição. Cuidadosamente desmontado, numerado e reconstruído na galeria, este elemento arquitetónico preservava marcas de uso acumuladas ao longo do tempo, incluindo os vestígios de uma fogueira acesa por antigos ocupantes[18]. A obra

[16] Rúben Santiago, *Um Fogo*, exposição apresentada no Sismógrafo, Porto, 16 de setembro a 21 de outubro de 2023, texto de apresentação da exposição, disponível em: https://sismografo.org/pt/programacao/um-fogo/

[17] O Sismógrafo é um espaço independente de arte contemporânea sediado no Porto, dedicado à experimentação artística e ao cruzamento entre práticas visuais, pensamento crítico e intervenção social.

[18] Segundo o texto de apresentação da exposição, as marcas da fogueira remetem para formas informais de ocupação e abrigo, revelando diferentes camadas de utilização do edifício após o seu abandono.

parte de um fragmento material para abordar questões mais amplas relacionadas com o abandono urbano, a precariedade habitacional e o direito à cidade.

No campo das práticas artísticas integradas em espaços independentes, *Um Fogo* representa uma abordagem expositiva sóbria, mas de enorme densidade simbólica. A estratégia curatorial concedeu protagonismo absoluto ao vestígio arquitetónico, transformando um elemento descartado num documento físico de vidas passadas. Não houve necessidade de recorrer a dispositivos expositivos complexos ou a longos textos interpretativos; a força da instalação residia precisamente na presença silenciosa do soalho queimado, que convertia o entulho em testemunho e a ruína em memória.

A dimensão política da obra torna-se particularmente evidente na forma como problematiza a relação entre propriedade, abandono e necessidade. O texto de apresentação da exposição sintetiza este posição ao afirmar: “Podemos abrir portas sem autorização. Devemos fazê-lo” (Sismógrafo, 2023). Mais do que uma provocação, esta frase evidencia o conflito entre edifícios devolutos e a crescente dificuldade de acesso à habitação, questionando quem tem legitimidade para ocupar os espaços urbanos. Neste contexto, o soalho deixa de ser apenas um elemento construtivo para se tornar um arquivo silencioso de experiências de habitar, revelando histórias frequentemente apagadas pelos processos de especulação imobiliária, turistificação e renovação urbana.

A relevância desta referência para o projeto *Habitar o Invisível* reside precisamente na utilização do vestígio como instrumento narrativo e político. Tal como em *Um Fogo*, o projeto procura dar visibilidade a realidades frequentemente ausentes dos discursos dominantes sobre a cidade e a habitação. A exposição demonstra que a memória do habitar pode sobreviver através dos fragmentos, das ausências e dos restos materiais, transformando o espaço expositivo num lugar de reflexão crítica sobre as relações entre território, exclusão, pertença e direito à cidade.[19]

[19] A utilização de fragmentos arquitetónicos reais aproxima a instalação de práticas artísticas que recorrem ao vestígio material como forma de preservar memórias ameaçadas de desaparecimento e de tornar visíveis processos de transformação urbana normalmente ausentes dos discursos oficiais.

3. Habitar o Invisível - Projeto de exposição

HABITAR O INVISÍVEL

1. Componente curatorial

1.1. Título

Habitar o Invisível

1.2. Sinopse

Habitar o Invisível é um projeto expositivo que propõe uma reflexão crítica sobre a crise da habitação em Portugal, com enfoque nos processos de despejo, esvaziamento habitacional e resistência, entre 2015 e 2026. Através da articulação entre práticas artísticas contemporâneas, materiais documentais e registos de ativismo, a exposição procura tornar visíveis as experiências frequentemente ausentes dos discursos dominantes sobre a cidade e o território.

Ao reunir vídeo, instalação, fotografia, som e arquivo, o projeto constrói um percurso centrado nas consequências humanas das transformações urbanas contemporâneas. Entre testemunhos, vestígios e formas de ação coletiva, *Habitar o Invisível* assume a curadoria como um dispositivo crítico capaz de promover reflexão sobre o direito à habitação, à permanência e à cidade.

1.3. Memória descritiva

Habitar o Invisível é um projeto expositivo que aborda a crise da habitação em Portugal a partir de uma perspetiva crítica, centrando-se nos processos de despejo, esvaziamento habitacional e resistência urbana que marcaram o território português na última década. O projeto procura refletir sobre as dimensões sociais e humanas da crise da habitação, frequentemente ausentes dos discursos mediáticos e institucionais sobre o território urbano.

A proposta curatorial assenta na articulação entre práticas artísticas contemporâneas, materiais documentais e registos de ativismo, construindo um

percurso expositivo que cruza diferentes linguagens, vídeo, instalação, fotografia, som e arquivo.

O projeto organiza-se em três núcleos temáticos: despejo, esvaziamento e resistência; que estruturam o percurso expositivo e orientam a seleção das obras. O núcleo do despejo incide sobre os mecanismos de expulsão e perda de habitação, através de materiais que documentam e testemunham estas situações. O esvaziamento aborda processos mais difusos de transformação urbana, como a desocupação de edifícios e a reconfiguração dos centros urbanos. O núcleo da resistência reúne práticas associadas a movimentos sociais e formas de ação coletiva que contestam estas dinâmicas. Embora organizem o percurso expositivo, estes núcleos não funcionam como categorias rígidas ou fixas. Pelo contrário, constituem zonas de contacto e sobreposição onde diferentes obras, documentos e testemunhos dialogam entre si. O despejo surge como manifestação explícita da violência habitacional; o esvaziamento como processo gradual de transformação e perda; e a resistência como espaço de ação coletiva, reivindicação política e construção de alternativas.

Este projeto expositivo reúne projetos artísticos, arquivos sonoros, materiais documentais e registos produzidos em contexto de mobilização social, estabelecendo relações entre práticas artísticas e experiências concretas do habitar contemporâneo.

A exposição parte da convicção de que muitos dos impactos da crise da habitação permanecem ausentes das representações dominantes da cidade contemporânea. Embora os debates públicos incidam frequentemente sobre indicadores económicos, valorização imobiliária ou processos de reabilitação urbana, as experiências concretas de despejo, deslocação, precariedade e perda de vínculos comunitários tendem a permanecer invisíveis. Neste sentido, *Habitar o Invisível* procura deslocar o olhar para estas experiências, reunindo diferentes formas de testemunho, memória e representação capazes de revelar dimensões frequentemente marginalizadas das transformações urbanas.

Mais do que documentar uma realidade específica, o projeto propõe a construção de um contra-arquivo do habitar contemporâneo. Através da reunião de vestígios materiais, documentos, registos sonoros, imagens e testemunhos, a exposição procura preservar narrativas que raramente encontram lugar nos arquivos institucionais ou nas representações oficiais da cidade. As obras selecionadas não funcionam apenas como ilustrações de um problema social, mas como dispositivos capazes de produzir novas formas de visibilidade e reflexão crítica.

A seleção de artistas e coletivos reúne diferentes abordagens às questões da habitação, da transformação urbana e do direito à cidade. São convidados a participar no projeto a Associação Cobalto, coletivo artístico sediado no Porto que desenvolve práticas expositivas críticas sobre as transformações urbanas contemporâneas; Gonçalo Fonseca, fotógrafo cujo trabalho documental se centra em problemáticas sociais associadas ao território e à habitação; o coletivo internacional Left Hand Rotation, reconhecido pelos seus projetos de investigação artística sobre gentrificação, turistificação e deslocação urbana; e o programa Cultura em Expansão, iniciativa da Câmara Municipal do Porto dedicada ao desenvolvimento de projetos artísticos em articulação com comunidades locais. A estes materiais juntam-se ainda registos recolhidos pela autora em manifestações pelo direito à habitação, contribuindo para a construção de uma perspetiva situada sobre as problemáticas abordadas.

A escolha destes artistas e coletivos resulta não apenas da pertinência temática dos trabalhos apresentados, mas também da forma como as suas práticas articulam investigação, memória, documentação e intervenção social, permitindo abordar a crise habitacional através de diferentes linguagens e posições críticas.

Habitar o Invisível inscreve-se no campo das práticas curatoriais contemporâneas que entendem a exposição como um espaço de construção de conhecimento. Ao dar visibilidade a experiências e processos frequentemente marginalizados, o projeto pretende contribuir para uma reflexão crítica sobre o direito à habitação.

Para além da apresentação de obras e documentos, o projeto de exposição procura criar um espaço de encontro entre produção artística, investigação e participação pública. Através da aproximação entre diferentes perspetivas sobre o habitar, o projeto pretende estimular o debate em torno das transformações urbanas contemporâneas e contribuir para uma maior consciência sobre a habitação enquanto direito fundamental.

O projeto procura ainda promover uma participação crítica do visitante. Mais do que assumir uma posição de observador externo, o público é convidado a confrontar-se com as múltiplas dimensões da crise habitacional e a refletir sobre as formas como esta transforma o quotidiano, os territórios e as relações sociais.

2. O processo curatorial

2.1. Metodologia curatorial e critérios de seleção

A metodologia deste projeto assenta num processo de investigação que articula pesquisa teórica, análise de práticas artísticas e contacto direto com materiais relacionados com a habitação e as transformações urbanas contemporâneas. A construção da exposição resultou do cruzamento entre diferentes fontes, procurando estabelecer relações entre produção artística, documentação e experiência social.

O ponto de partida foi uma pesquisa de carácter documental, que incluiu o acompanhamento de manifestações sobre o direito à habitação em Portugal, a recolha de registos fotográficos e sonoros nesses contextos, e a consulta de arquivos, publicações e materiais de ativismo urbano. O facto de parte destes materiais ter sido produzido pela própria autora confere ao projeto uma dimensão de investigação em primeira pessoa que não pretende ser neutra, mas explicitamente comprometida com o seu objeto.

A seleção das obras obedeceu a três critérios principais. Em primeiro lugar, a capacidade de cada obra demonstrar sensibilidade perante a crise habitacional que raramente encontra expressão nos circuitos mediáticos ou institucionais dominantes. Em segundo lugar, a diversidade de linguagens e suportes, de forma a construir um percurso que não se esgote num único registo. Em terceiro lugar, a possibilidade de diálogo entre os materiais a capacidade de cada obra se relacionar com as restantes e contribuir para uma narrativa coerente sem, contudo, fechar o sentido da exposição. Este processo aproxima-se do que Smith (2012) descreve como o gesto central da curadoria: encorajar e tornar possível a visibilidade pública de obras de artistas, seja reunindo trabalhos existentes para exposição, seja comissionando obras para exibição, de modo a que possam ser vistas de forma diferente em função do modo como são apresentadas.

É a partir destes critérios que se justifica a presença dos materiais de manifestação cartazes, fotografias e registos de áudio recolhidos em contexto real de mobilização coletiva. Estes materiais são entendidos no contexto do projeto como um contra-arquivo, na medida em que reúnem testemunhos, discursos e formas de ação que frequentemente permanecem ausentes ou sub-representados nos arquivos institucionais e nas narrativas dominantes sobre a cidade. A sua inclusão permite introduzir na exposição vestígios produzidos pelos próprios participantes dos movimentos pelo direito à habitação, preservando memórias e formas de resistência que complementam as perspetivas apresentadas pelas restantes obras.

Em conjunto, as obras e os materiais documentais selecionados não funcionam apenas como exemplos ilustrativos de uma problemática previamente definida. Pelo contrário, a narrativa expositiva constrói-se a partir das relações estabelecidas entre diferentes linguagens, perspetivas e formas de conhecimento. A articulação entre fotografia, instalação, documentário, arquivo, som e materiais produzidos em contextos de mobilização social procura criar um espaço de reflexão onde as questões da habitação são abordadas a partir de múltiplos pontos de vista. Neste sentido, a exposição aproxima-se de práticas curatoriais que recorrem simultaneamente a obras artísticas e materiais documentais para explorar problemáticas sociais e políticas complexas, entendendo a exposição como um lugar de investigação, produção de conhecimento e debate público. A exposição foi construída a partir da relação entre materiais de natureza distinta, procurando gerar leituras múltiplas sobre o habitar contemporâneo e evitar interpretações fechadas ou unívocas.

2.2. Lista de obras

I. ASSOCIAÇÃO COBALTO [Porto, Portugal]

Vazio, 2025

Instalação multimédia, vídeo, som, plástico, manifesto impresso e materiais de construção

Dimensões variáveis

Equipamentos necessários: Projetor vídeo, computador, sistema de som, alimentação elétrica

Condições de apresentação: Espaço parcialmente escurecido, área dedicada à instalação, condições para projeção vídeo e reprodução sonora

Linha de crédito: Cortesia da Associação Cobalto

Estado do empréstimo: Em processo com a Associação Cobalto (2026)

II. CULTURA EM EXPANSÃO [Porto, Portugal]

Como (re)escrever a história da cidade do Porto?, 2023

Podcast / peça sonora.

Áudio digital, som.

Duração: 45 min.

Dimensões: instalação sonora; dimensões variáveis

Necessidades técnicas: Sistema de reprodução áudio

Necessidades espaciais: Área dedicada à escuta, condições acústicas adequadas

Linha de crédito: Cortesia do programa Cultura em Expansão

Estado do empréstimo: A confirmar

III. GONÇALO FONSECA [Portugal]

New Lisbon, 2018

Série fotográfica 9/19

Impressão fotográfica Fine Art sobre papel Hahnemühle Photo Rag® Baryta 315 gs

Dimensões: 40 × 60 cm

Necessidades técnicas: Iluminação expositiva direcionada para fotografia, controlo de reflexos e encadeamento

Linha de crédito: Cortesia do artista
Estado do empréstimo: A confirmar

IV. LEFT HAND ROTATION [Madrid, Espanha]

Bonfim. Islas del Tesoro, 2021
Vídeo digital, cor, som.
Duração: Aproximadamente 8 minutos
Dimensões: monitor e auscultadores; dimensões variáveis
Necessidades técnicas: Monitor ou televisão, computador (caso necessário), auscultadores, alimentação elétrica
Necessidades espaciais: Área de visualização individual, espaço para permanência do visitante
Linha de crédito: Cortesia do coletivo Left Hand Rotation
Estado do empréstimo: Em processo com o Coletivo Left Hand Rotation (2026)

V. LEFT HAND ROTATION [Madrid, Espanha]

O que vai acontecer aqui?, 2019
Documentário digital, cor, som.
Duração: 83 minutos
Dimensões: projeção vídeo; dimensões variáveis
Necessidades técnicas: Projetor Full HD, computador, sistema de som, alimentação elétrica
Necessidades espaciais: Espaço escurecido, área de permanência para visualização prolongada, lugares sentados para os visitantes
Linha de crédito: Cortesia do coletivo Left Hand Rotation
Estado do empréstimo: Em processo com o Coletivo Left Hand Rotation (2026)

VI. Materiais documentais, 2025–2026
10 Fotografias, 5 cartazes recolhidos e registos áudio.
Dimensões: variáveis
Necessidades técnicas: Equipamento de reprodução áudio, suportes de exposição para cartazes e fotografias

Necessidades espaciais: Área de parede para apresentação de cartazes e fotografias, espaço para consulta e observação dos materiais

Estado do empréstimo: Não aplicável

2.3. Obras e Artistas

2.3.1. *Vazio* - Associação Cobalto



Fig.5, 6, 7. *Vazio,* Associação Cobalto, Porto, Portugal, setembro de 2025. Vista da instalação. Créditos: Fotografia por Associação Cobalto.

Vazio. é um projeto expositivo desenvolvido pela Associação Cobalto, no Porto, apresentado no âmbito do programa *Circuitos'25*[20]. A exposição foi instalada na sede da associação, espaço que funciona simultaneamente como local de trabalho de vários artistas.

A instalação é composta por múltiplos elementos que constroem um ambiente imersivo e perturbador. Ou seja, no centro da experiência, constituem vídeos de maquetes de prédios a ser queimados e transformados em hotel. A este elemento visual[21] junta-se uma banda sonora de ruídos de obras, sons altos, invasivos, que enchiam o espaço e impediam qualquer contemplação serena. O plástico surge como outro elemento estruturante: material de construção e de embrulho, evocando simultaneamente a "casa nova" e a mudança forçada, o brilho enganoso da reabilitação que expulsa antes de renovar. Espalhado pelo espaço, um manifesto escrito pela associação pontuava o percurso, tornando explícita a dimensão política da obra.

Segundo os membros da Associação Cobalto, a escolha do tema surgiu da vontade de responder criticamente às transformações urbanas observadas na cidade do Porto, sentindo que tinham a responsabilidade de responder àquilo que estava a acontecer na cidade à sua volta. O processo de investigação visual arrancou em julho de 2025, com saídas fotográficas a espaços devolutos, prédios em processo de especulação e interiores abandonados, e terminou em setembro, pouco antes da abertura da exposição.

[20] Uma iniciativa da Galeria Municipal do Porto que convida coletivos e associações artísticas a abrir os seus espaços de trabalho ao público durante três dias.
[21] O fogo como metáfora literal da especulação imobiliária, da destruição do habitado para dar lugar ao rentável.

Ficha Técnica:

Artista/Coletivo: Associação Cobalto

Local de residência: Porto, Portugal

Título: *Vazio.*

Data: 2025

Tipologia: Instalação multimédia

Materiais: Vídeo digital, áudio, manifesto impresso e plástico de construção

Dimensões: Variáveis e adaptáveis consoante o espaço. A ver com a Associação.

Proveniência: Associação Cobalto

Linha de crédito: Cortesia da Associação Cobalto

Valor de seguro: A aguardar informação

Estado do empréstimo: Em negociação com a Associação Cobalto (2026)

Equipamentos necessários:

- Projetor vídeo
- Computador multimédia
- Sistema de som
- Alimentação elétrica

Condições de apresentação:

- Espaço parcialmente escurecido
- Área dedicada à instalação
- Condições para projeção vídeo e reprodução sonora

Montagem:

- Instalação de elementos físicos e equipamento audiovisual
- Tempo de montagem: a confirmar

Custos associados:

- Transporte: A aguardar informação
- Seguro: A aguardar informação
- Fee artístico: A aguardar informação

2.3.2. Materiais Documentais — Cartazes, Fotografias e Registos de Áudio









Fig.8, 9, 10, 11. Manifestação no Porto sobre a Crise de Habitação, 21 de março de 2026


GUARDA NA AGENDA
25 DE ABRIL
DE NOVO
E CASAS
PARA
O POVO
A HABITAÇÃO HOJE FAZ 5 ANOS, VAIS FALTAR À FESTA?


MANIFESTAÇÃO
CASA PARA VIVER
21 MARÇO • 15H
LISBOA
MARQUÊS
DE POMBAL
PORTO
PRAÇA
DA BATALHA
COIMBRA
PONTE
DE
SANTA
CLARA
17H
LEIRIA
FONTE
LUMI-
NOSA
JÁ NÃO DÁ!

Um processo de despejo tem várias etapas, mas podes contestá-lo e ganhar algum tempo para encontrares uma alternativa. Encontra aqui algumas dicas úteis e fica a conhecer as tuas ferramentas para lutares!
Se ficaste com dúvidas, contacta-nos!

Sabias que o assédio por parte dos senhorios é crime?
Podes apresentar queixa na esquadra da tua residência se o teu senhorio te ameaçar. Junta todas as provas (e-mails, mensagens, etc.) para tua futura protecção.

Vives numa habitação pública e estás em situação de despejo?
O processo é diferente, mas podes pedir um advogado oficioso gratuitamente na Segurança Social. Se te encontras numa situação de carência económica não podes ser despejado sem ser encaminhado para uma solução habitacional digna! Deve estar, presente no momento do despejo, um técnico da Segurança Social, porque sem uma alternativa não podes ser despejado! Não te podem ameaçar ou intimidar, continuas a ter os teus direitos!

Ocupaste uma casa de um senhorio privado e estás a ser expulso?
As ocupações têm contornos diferentes e são consideradas ilegais, pelo que o procedimento não é o mesmo, mas na *Habitação Hoje!* somos solidários com todas as lutas pelo acesso a uma habitação digna!

Não és o único nesta situação!
Não tenhas medo ou vergonha!
Junta-te à luta!

Ninguém está livre de ficar desempregado ou de não conseguir pagar as rendas exorbitantes que são praticadas hoje em dia! O teu problema não é individual, há milhares de pessoas sem acesso a uma habitação digna.
Neste momento, as formas de resistir a um processo de despejo apenas o conseguem atrasar, só a luta colectiva pode efectivar o direito a uma habitação digna. A habitação deve ser um direito e não uma mercadoria. **Todos temos direito a uma casa e juntos fazemos esta luta mais forte!**

manual de resistência contra despejos

Junta-te a nós, vamos lutar por Habitação, Hoje!



Aqui encontras algumas coisas que precisas de saber!

Se recebeste uma carta a dizer que tens de desocupar a casa, NÃO A IGNORES!
Responde a tudo dentro dos prazos estipulados e pede a ajuda de um advogado oficioso na Segurança Social. Pedir apoio jurídico a um advogado oficioso é gratuito! Dirige-te ao balcão ou entra no site da Segurança Social, preenche o requerimento e envia por e-mail.

O teu contrato não vai ser renovado e ainda não tens alternativa?
Podes continuar em tua casa e o senhorio terá de iniciar um processo de despejo no Balcão Nacional de Arrendamento. Podes ler como funciona este processo na página ao lado. Se te fizerem acreditar que não tens alternativa pergunta pelo agente de execução do despejo e pelo mandato do tribunal.

Querem que assines um novo contrato porque o que tinhas "já não serve"?
Cuidado! Se tens um contrato vitalício estás protegido destas situações, com um novo contrato perdes essas vantagens!

Assinaste o contrato depois de 2019?
Se este é o teu caso pode ser útil saber que o teu contrato é automaticamente renovado por 3 anos ou por tempo igual ao estipulado no contrato que assinaste. Apenas em caso de obras profundas (pintar as paredes não conta) ou da necessidade de o senhorio necessitar da casa para si ou para um filho, é que se pode opor à primeira renovação.

Não tens contrato e o senhorio quer que saias?
Reúne todas as provas que conseguires, por exemplo comprovativos de pagamento de renda por transferência, e-mails ou cartas, evidências de que habitas nessa casa.

Como funciona um processo de despejo?
Há várias fases neste processo, só o tribunal é que te pode despejar!

1 | Notificação judicial avulsa ou carta registada com aviso de recepção
Por teres deixado de pagar a renda ou se o senhorio não quiser renovar o teu contrato recebes esta carta onde te são dados 30 dias para entregares o imóvel. Não precisas de responder e podes permanecer na casa se não tiveres uma alternativa. Passados os 30 dias, se ainda estiveres na casa, o senhorio terá de iniciar o processo de despejo no tribunal.

2 | Notificação por parte do Balcão Nacional de Arrendamento para desocupar a casa em 15 dias. Podes:
2.1 Opor-te ao despejo
ou
2.2 Requerer deferimento da desocupação

Quando recebes esta notificação deves pedir apoio a um advogado oficioso, tens 15 dias para apresentar oposição ou pedir o deferimento!

Mesmo que saibas que terás de sair, estas opções ajudam-te a ganhar tempo!

2.1 | Oposição ao despejo
Se estiveres a ser despejado pela falta de pagamento de rendas podes apresentar oposição no Balcão Nacional de Arrendamento se tiveres capacidade de pagar as rendas que deixaste em atraso. Depois o caso seguirá para audiência de julgamento e será decidido em tribunal.

2.2 | Requisição de deferimento da desocupação
Se não tens condições económicas para encontrar uma casa dentro do tempo que te foi dado para desocupar a habitação podes avançar com o pedido de diferimento da desocupação.

O juiz terá de ter em consideração a situação económica, o número de pessoas, idades e estado de saúde do agregado. **Se recebes o subsídio de desemprego, RSI, um valor inferior ao salário mínimo ou se tens um grau de incapacidade igual ou superior a 60% podes avançar com este pedido!**

Podes conseguir adiar o despejo até um prazo máximo de 5 meses!

3| Tomada de posse do imóvel
Se o tribunal decretar que o despejo deve prosseguir, o Agente de Execução pode tomar imediatamente posse do imóvel e se não saíres e te opuseres podem chamar as autoridades policiais. Se não saíres de livre vontade o Agente de Execução precisará de pedir ao juiz a autorização para recorrer ao arrombamento.

Se estás inseguro de quais são os teus direitos e por medo não fazes nada, isso vai acelerar o processo de despejo, deixando de ser necessária a intervenção de um juiz. Junta-te a vizinhos que possam estar na mesma situação e se precisares de ajuda contacta-nos!

Fig. 12, 13 e 14. Recolha de cartazes de manifestações

No âmbito da investigação desenvolvida para este projeto, foi reunido um conjunto de materiais relacionados com manifestações pelo direito à habitação em Portugal, incluindo cartazes divulgados pelo movimento Stop Despejos, registos fotográficos captados pela autora e documentação produzida em contexto de mobilização social.

Desta forma, estes materiais foram produzidos com o objetivo de documentar a resistência coletiva. A sua inclusão na exposição é um gesto curatorial deliberado: trata-se de trazer para o espaço expositivo aquilo que circula nas ruas, nos murais, nos megafones.

Este conjunto de materiais reúne testemunhos, imagens e formas de participação que frequentemente permanecem ausentes das representações institucionais da cidade e da habitação. A sua presença na exposição ativa uma tensão produtiva: entre o documento político e o objeto artístico, entre a urgência do presente e a contemplação do espaço expositivo.

A integração destes materiais permite estabelecer uma ligação direta entre produção artística e ação coletiva, reforçando a dimensão contemporânea do projeto e aproximando a exposição das realidades que procura abordar.

Ficha Técnica:

Recolha: Daiane Silva

Título: *Materiais Documentais — Cartazes, Fotografias e Registos de Áudio*

Data: 2025–2026

Tipologia: Arquivo documental

Materiais:

- 5 Cartazes de manifestação
- Fotografias digitais
- Registos áudio
- 10 Impressões fotográficas
- Reprodução gráfica de materiais documentais

Dimensões: Variáveis

Proveniência:

- Arquivo da autora
- Materiais divulgados por movimentos pelo direito à habitação
- Materiais cedidos ou recolhidos junto de movimentos pelo direito à habitação.

Valor de seguro: Não aplicável

Estado do empréstimo: Não aplicável

Necessidades técnicas:

- Equipamento de reprodução áudio
- Suportes de exposição para cartazes e fotografias

Necessidades espaciais:

- Área de parede para apresentação de cartazes e fotografias
- Espaço para consulta e observação dos materiais

Montagem:

- Fixação de cartazes e fotografias
- Instalação do sistema de reprodução sonora

Custos associados:

- Impressão fotográfica
- Produção de suportes expositivos
- Equipamento de reprodução áudio

2.3.3. *New Lisbon* - Gonçalo Fonseca



















Fig. 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23. Seleção da série fotografia *New Lisbon* de Gonçalo Fonseca

New Lisbon[22] é uma série fotográfica documental de Gonçalo Fonseca[23] (Lisboa, 1993). Este projeto fotográfico explora o conceito casa e a insegurança habitacional. A série acompanha pessoas diretamente afetadas pela dificuldade de acesso à habitação em Lisboa, documentando situações de vulnerabilidade e deslocação. À medida que o tecido social se desfaz e Lisboa cai vítima da gentrificação e do investimento imobiliário estrangeiro não regulado, as famílias documentadas veem-se forçadas a tomar medidas extremas para manter um lugar onde viver. A série é composta por fotografias a cores que alternam entre retratos individuais e

[22] O trabalho foi distinguido com o Leica Oskar Barnack Award na categoria Newcomer em 2020, tendo recebido ainda o Prémio Estação Imagem, Vida Diária (2020), o Prémio Allard de Integridade Fotográfica Internacional (Canadá, 2019) e o Prémio Jovem Talento no Prémio Educar o Olho (Espanha, 2019).

[23] Gonçalo Fonseca (Lisboa, 1993) é fotógrafo documental especializado em projetos de longa duração sobre questões sociais e ambientais. Colabora regularmente com o New York Times, Washington Post, Der Spiegel e The Guardian. O seu trabalho foi exposto em museus e galerias em Portugal, Espanha, Reino Unido, Alemanha, Áustria, China, Coreia do Sul, Austrália e Emirados Árabes Unidos.

imagens de ambiente urbano, construindo uma narrativa simultaneamente íntima e estrutural sobre a cidade em transformação.

Ficha Técnica:

Artista: Gonçalo Fonseca

Local de residência: Lisboa, Portugal

Título: *New Lisbon*

Data: 2018–2020

Tipologia: Série fotográfica

Número de peças: 9 fotografias

Materiais:

- Impressão fotográfica a cores
- Papel fotográfico Fine Art
- Molduras

Dimensões:

- 60 × 40 cm (altura × largura) cada fotografia
- 65 × 45 × 3 cm (altura × largura × profundidade) emoldurada

Proveniência: Arquivo do artista

Linha de crédito: Cortesia do artista

Valor de seguro: A aguardar informação

Estado do empréstimo: A confirmar junto do artista

Necessidades técnicas:

- Iluminação expositiva direcionada para fotografia
- Controlo de reflexos e encadeamento

Necessidades espaciais:

- Distância mínima de observação de 1,5 m

Montagem:

- Fixação em parede
- Alinhamento sequencial das fotografias
- Utilização de molduras ou sistema de suspensão adequado

Custos associados:

- Impressão fotográfica
- Emolduramento
- Transporte
- Seguro
- Eventual fee artístico

2.3.4. *Como (re)escrever a história da cidade do Porto?* - Cultura em expansão

Como (re)escrever a história da cidade do Porto? é o décimo quinto episódio da série de podcasts produzida no âmbito do programa Cultura em Expansão[24] 2021. O episódio, com coordenação editorial de Vanessa Rodrigues, reúne Maria da Assunção, moradora na Bouça, Patrícia Caveiro da Sonoscopia e as artistas Raquel S. e Amarante Abramovici numa conversa sobre a memória, a habitação e as transformações urbanas do bairro da Bouça. O formato é de conversa, com pós-produção sonora de Filipe Fernandes, e foi publicado a 12 de janeiro de 2022, em acesso gratuito.

Através deste formato e da utilização do testemunho oral, o episódio aborda a importância da preservação das memórias coletivas perante os processos de transformação urbana que afetam o território e as comunidades que o habitam. O podcast integra diferentes perspetivas sobre a história do bairro, privilegiando experiências e narrativas frequentemente ausentes dos discursos dominantes sobre a cidade.

Ficha Técnica:

Entidade: Cultura em Expansão

Local: Porto, Portugal

Título: *Como (re)escrever a história da cidade do Porto?*

Data: 2022

Tipologia: Podcast / peça sonora

Coordenação: Vanessa Rodrigues

[24] Uma iniciativa da Ágora Cultura e Desporto do Porto que promove práticas culturais e artísticas em associações de moradores, coletividades e espaços da cidade.

Participantes:

- Maria da Assunção
- Patrícia Caveiro
- Raquel S.
- Amarante Abramovici

Pós-produção sonora: Filipe Fernandes

Materiais / suporte: Ficheiro áudio digital

Duração: Aproximadamente 45 minutos

Dimensões: Instalação sonora com dimensões do ‘Funil’

Proveniência: Cultura em Expansão

Linha de crédito: Cortesia do programa Cultura em Expansão

Valor de seguro: Não aplicável

Estado do empréstimo: A aguardar informação

Necessidades técnicas:

- Sistema de reprodução áudio

Necessidades espaciais:

- Área dedicada à escuta
- Condições acústicas adequadas

Montagem:

- Instalação do sistema de reprodução sonora
- Estrutura de suporte para o dispositivo de escuta

Custos associados:

- Licenciamento de utilização (caso aplicável)
- Produção da estrutura de escuta
- Equipamento sonoro

2.3.5. *O que vai acontecer aqui? (2019)* - Left Hand Rotation, documentário, 83 minutos



Fig.24 - Documentário *O que vai acontecer aqui?,* Left Hand Rotation

O que vai acontecer aqui?[25] é um documentário de 83 minutos realizado pelo coletivo Left Hand Rotation, produzido em 2019 entre Portugal e Espanha, que acompanha os movimentos sociais que defendem o direito de habitar na cidade de Lisboa num momento de intensificação das lutas pelo espaço urbano. Realizado em colaboração com o Stop Despejos e a Habita!, duas plataformas de luta contra os despejos e a mercantilização da habitação em Portugal , o documentário recorre a entrevistas, registos de manifestações, imagens de arquivo e intervenções urbanas para construir uma narrativa construída a partir de diferentes testemunhos e perspetivas sobre a crise habitacional lisboeta.

[25] O filme estreou no festival Doclisboa a 21 de outubro de 2019, na secção Cinema de Urgência, esgotando a sessão em dez minutos, e foi posteriormente disponibilizado em acesso livre na plataforma Vimeo.

Ficha Técnica:

Coletivo: Left Hand Rotation

Local de residência: Madrid, Espanha

Título: *O que vai acontecer aqui?*

Data: 2019

Tipologia: Documentário

Realização: Left Hand Rotation

Produção: Left Hand Rotation

País de produção: Portugal / Espanha

Materiais / suporte:

- Vídeo digital
- Som

Duração: 83 minutos

Dimensões: Projeção vídeo (dimensões variáveis)

Proveniência: Left Hand Rotation

Linha de crédito: Cortesia do coletivo Left Hand Rotation

Valor de seguro: Não Aplicável

Estado do empréstimo: Em confirmação com o Coletivo Left Hand Rotation

Necessidades técnicas:

- Projetor Full HD
- Computador multimédia
- Sistema de som
- Alimentação elétrica

Necessidades espaciais:

- Espaço escurecido
- Área de permanência para visualização prolongada
- Lugares sentados para os visitantes

Montagem:

- Instalação de sistema de projeção e som
- Testes de imagem e áudio

Custos associados:

- Equipamento audiovisual
- Transporte de equipamentos (caso aplicável)

2.3.6. *Bonfim. Islas del Tesoro* - Left Hand Rotation



Fig.25 - Projeto *Bonfim. Islas del Tesoro* do coletivo Left Hand Rotation

Bonfim. Islas del Tesoro é um projeto de reflexão coletiva sobre os conflitos associados à questão da habitação na zona do Bonfim[26], no Porto. Em torno do imaginário da ilha do tesouro e dos seus símbolos clássicos como o náufrago, os piratas, os tubarões e as sereias desenvolveu-se uma metodologia de mapeamento coletivo cujos resultados saíram para a rua. O projeto articula investigação urbana, participação comunitária e intervenção no espaço público, resultando num conjunto de materiais visuais e cartográficos que tornam legíveis os processos de gentrificação em curso no bairro.

A metáfora da ilha do tesouro é operativa. Ao distribuir papéis ficcionais pelos diferentes agentes que atuam no território (quem são os náufragos, quem são os piratas, quem detém o mapa, quem guarda as sereias), o coletivo cria uma linguagem partilhada e acessível que permite a moradores, ativistas e

[26] O Bonfim é um dos territórios portuenses mais pressionados pela especulação imobiliária recente: bairro com forte memória industrial e operária, onde a proliferação das ilhas como solução habitacional teve uma presença histórica determinante, tem vindo a ser progressivamente reconfigurado pela chegada de novos investimentos, alojamentos locais e públicos com maior poder aquisitivo.

investigadores nomear e mapear coletivamente a sua situação. Esta ficção funciona como uma ferramenta de leitura coletiva do território, permitindo identificar relações, conflitos e transformações frequentemente percebidos de forma dispersa.

Ficha técnica:

Coletivo: Left Hand Rotation

Local de residência: Madrid, Espanha

Título: *Bonfim. Islas del Tesoro*

Data: 2017

Tipologia: Projeto de investigação e mapeamento coletivo

Materiais / suporte: Vídeo digital

Duração: Aproximadamente 8 minutos

Dimensões:

- Apresentação em monitor de vídeo e auscultadores
- Dimensões variáveis

Proveniência: Left Hand Rotation

Linha de crédito: Cortesia do coletivo Left Hand Rotation

Valor de seguro: Não aplicável

Estado do empréstimo: Em confirmação com o Coletivo Left Hand Rotation

Necessidades técnicas:

- Monitor ou televisão
- Computador multimédia (caso necessário)

- Auscultadores
- Alimentação elétrica

Necessidades espaciais:

- Área de visualização individual
- Espaço para permanência do visitante

Montagem:

- Instalação do monitor e sistema de áudio
- Testes de reprodução vídeo e som

Custos associados:

- Equipamento audiovisual

2.4. Articulação Conceptual das Obras no Projeto Expositivo

A seleção das seis obras e projetos que compõem *Habitar o Invisível* obedece a uma lógica de que cada trabalho contribui para o projeto de um modo que nenhum dos outros poderia substituir, e é na relação entre eles que o sentido da exposição se constrói.

Um dos aspetos mais relevantes desta articulação reside na diversidade de linguagens presentes na exposição. *New Lisbon*, de Gonçalo Fonseca, opera numa escala próxima do indivíduo, privilegiando a experiência humana da crise habitacional através do retrato, do espaço doméstico e da observação do quotidiano. As fotografias aproximam o visitante de histórias concretas, tornando visíveis consequências frequentemente diluídas nos discursos estatísticos ou mediáticos sobre a habitação. Através desta dimensão intimista, a obra introduz uma perspetiva centrada na experiência vivida e na forma como os processos de transformação urbana afetam diretamente a vida das pessoas.

Os projetos do coletivo Left Hand Rotation ampliam esta escala de observação. Em *O que vai acontecer aqui?*, a questão da habitação é abordada a partir da mobilização coletiva e das lutas urbanas desenvolvidas em Lisboa. O documentário acompanha moradores, ativistas e movimentos sociais, construindo um retrato das resistências que emergem perante os processos de despejo e mercantilização da cidade. O próprio título do filme assume particular relevância no contexto expositivo, formulando uma pergunta que atravessa todo o projeto: o que acontece aos habitantes quando deixam de poder permanecer nos lugares onde construíram as suas vidas? A incerteza contida nesta pergunta torna-se um elemento transversal à exposição, refletindo uma condição partilhada por muitas das experiências abordadas nas diferentes obras.

Se o documentário apresenta a dimensão mais ampla do conflito urbano, *Bonfim. Islas del Tesoro* desloca a atenção para uma escala mais localizada e participativa. Através de processos de mapeamento coletivo desenvolvidos com habitantes do bairro do Bonfim, o projeto propõe uma leitura crítica das transformações urbanas a

partir do conhecimento produzido pelas próprias comunidades. A utilização do imaginário da ilha do tesouro, com figuras como náufragos, piratas, sereias e guardiões de mapas, não constitui apenas um recurso narrativo. Funciona como uma ferramenta coletiva de interpretação do território, permitindo identificar agentes, conflitos e relações de poder de forma acessível e partilhada. A presença simultânea dos dois projetos do Left Hand Rotation permite compreender como problemáticas semelhantes assumem configurações distintas quando observadas à escala da cidade ou do bairro, da mobilização coletiva ou da experiência comunitária.

A instalação *Vazio.*, da Associação Cobalto, introduz uma dimensão distinta no percurso expositivo. Enquanto as obras anteriores se aproximam da crise habitacional através do testemunho, da documentação ou da participação coletiva, *Vazio.* trabalha sobretudo ao nível da experiência sensorial. A obra não procura apenas representar a transformação da cidade, mas fazer sentir ao visitante a instabilidade, a tensão e a violência que acompanham esses processos. A sua presença na exposição contribui para ampliar as formas de aproximação ao tema, deslocando o discurso da observação para a experiência.

O podcast *Como (re)escrever a história da cidade do Porto?* acrescenta uma dimensão centrada na memória e na experiência oral. A conversa entre as participantes, construída a partir das vivências e memórias associadas ao bairro da Bouça, introduz questões relacionadas com pertença, identidade e transmissão de conhecimento entre gerações. Particularmente relevante é a valorização de perspetivas frequentemente ausentes das narrativas dominantes sobre a cidade, nomeadamente as experiências de mulheres ligadas à história social e habitacional daquele território. A presença do formato sonoro assume igualmente importância no contexto expositivo. Ao privilegiar a escuta e a proximidade através da voz, cria um momento de pausa e atenção, permitindo ao visitante aproximar-se das problemáticas da habitação através da memória narrada.

Os Materiais de Manifestação introduzem no espaço expositivo a dimensão mais imediata e contemporânea da luta pela habitação. Recolhidos em contexto de

mobilização social, estes materiais aproximam a exposição dos movimentos que continuam a reivindicar o direito à habitação no espaço público. A sua inclusão permite estabelecer uma ligação direta entre as problemáticas abordadas pelas restantes obras e as formas de ação coletiva que procuram responder a essas mesmas questões. Ao entrarem na galeria, objetos habitualmente associados à rua e ao protesto adquirem uma nova visibilidade, sem perder a sua dimensão política e reivindicativa.

As obras e os projetos cobrem diferentes momentos e ritmos da crise: *New Lisbon* acompanha trajetórias individuais ao longo do tempo; *O que vai acontecer aqui?* documenta a urgência do conflito em 2019; *Bonfim. Islas del Tesoro* mapeia processos de transformação a uma escala de bairro; *Vazio.* captura o momento do esvaziamento, quando o lugar ainda guarda as marcas de quem viveu nele mas já não é habitado; o podcast preserva memórias de um bairro antes que sejam definitivamente apagadas; os materiais de manifestação trazem o presente mais imediato para dentro do espaço expositivo. Em conjunto, estas temporalidades constroem uma narrativa não linear da crise, uma sobreposição de experiências e tempos distintos, que convida o visitante a perceber a crise como processo estrutural e não como conjunto de episódios isolados.

A presença de projetos desenvolvidos em Lisboa e no Porto permite estabelecer relações entre contextos urbanos distintos, evidenciando desafios e transformações que atravessam diferentes territórios.

Cada seleção representa uma forma de comprometimento com o seu objeto e nenhuma trata a crise habitacional como tema a partir de uma posição de distância ou neutralidade. Esta postura partilhada é o que confere ao conjunto uma coerência que vai além da temática: trata-se de obras feitas a partir de dentro do problema, por artistas e coletivos que habitam as cidades que documentam e que entendem a sua prática como uma forma de responsabilidade.

2.5. Narrativa expositiva e percurso do visitante

A narrativa expositiva de *Habitar o Invisível* foi pensada como um percurso, onde o visitante é confrontado com diferentes perspetivas sobre a crise da habitação contemporânea. Mais do que organizar obras e projetos de forma linear, a exposição procura criar uma experiência sensorial e emocional que acompanha os temas do despejo, da transformação urbana e da resistência coletiva.

A estrutura da exposição organiza-se em torno de três núcleos temáticos: resistência, despejo e esvaziamento, que funcionam como eixos de leitura das diferentes obras e projetos apresentados. Estes núcleos estabelecem relações constantes entre si, refletindo a complexidade dos fenómenos associados à crise da habitação.

O núcleo da resistência reúne os Materiais de Manifestação e o podcast *Como (re)escrever a história da cidade do Porto?*. Através destes trabalhos são abordadas formas de mobilização coletiva, memória comunitária e construção de narrativas alternativas sobre a cidade. Os materiais recolhidos em manifestações introduzem a dimensão da reivindicação política e da ação pública, enquanto o podcast acrescenta uma reflexão sobre a memória, a pertença e a importância das histórias frequentemente excluídas dos discursos oficiais.

O núcleo do despejo integra a série fotográfica *New Lisbon*, de Gonçalo Fonseca, e o documentário "*O que vai acontecer aqui?*, do coletivo Left Hand Rotation. Estas obras aproximam o visitante das consequências humanas da crise habitacional, e abordam experiências de precariedade, deslocação e resistência. Enquanto a fotografia privilegia a escala individual e a experiência vivida, o documentário amplia a observação para uma dimensão coletiva, evidenciando os movimentos sociais e as formas de organização que emergem em resposta aos processos de expulsão e mercantilização da cidade.

O núcleo do esvaziamento reúne a instalação *Vazio.*, da Associação Cobalto, e o projeto *Bonfim. Islas del Tesoro*, do coletivo Left Hand Rotation. Ambos os trabalhos abordam as transformações urbanas associadas à especulação imobiliária e à

reconfiguração dos territórios, embora através de estratégias distintas. A instalação traduz estas problemáticas através de uma experiência sensorial e imersiva, enquanto o projeto de mapeamento coletivo permite compreender os seus impactos a partir do conhecimento produzido pelos habitantes do território.

A organização destes núcleos não pressupõe uma sequência rígida ou uma disposição espacial previamente definida. A configuração final da exposição dependerá das características do espaço selecionado, procurando sempre garantir relações coerentes entre as obras, as necessidades técnicas de cada projeto e a experiência do visitante. Mais do que impor um percurso fixo, pretende-se criar um conjunto de situações de observação e escuta que permitam diferentes formas de aproximação às problemáticas abordadas.

Atendendo à diversidade de linguagens presentes na exposição, o projeto requer um espaço com capacidade para acolher fotografia, instalação multimédia, projeção vídeo, materiais documentais e dispositivos sonoros. Torna-se igualmente importante garantir condições que permitam a coexistência destas diferentes tipologias sem comprometer a experiência de fruição de cada obra.

A instalação *Vazio.* beneficia de um contexto espacial que permita algum controlo da iluminação e das condições sonoras. O documentário *O que vai acontecer aqui?* requer uma área destinada à projeção vídeo e à permanência prolongada dos visitantes, possibilitando uma visualização confortável da obra. O projeto sonoro, *Como (re)escrever a história da cidade do Porto?* e o vídeo de *Bonfim. Islas del Tesoro*, exigem igualmente soluções de escuta adequadas, através de auscultadores ou dispositivos direcionais que minimizem interferências entre diferentes fontes sonoras.

As fotografias de *New Lisbon* e os Materiais de Manifestação necessitam de áreas de observação que permitam uma leitura próxima dos conteúdos apresentados, bem como condições de iluminação adequadas à sua apresentação. A coexistência entre momentos de leitura, observação, escuta e permanência constitui um dos

aspetos fundamentais da proposta expositiva, exigindo um espaço suficientemente flexível para acomodar diferentes ritmos de visita.

Embora não tenha sido definido um local específico para a realização da exposição, foi efetuada uma prospeção preliminar de espaços potencialmente adequados, incluindo centros culturais, galerias municipais, livrarias independentes e estruturas dedicadas à arte contemporânea. A seleção do espaço deverá considerar não apenas as condições técnicas necessárias à apresentação das obras, mas também a adequação do projeto às linhas de programação da instituição acolhedora. Dada a sua abordagem às questões da habitação, da cidade e da participação social, considera-se particularmente pertinente a sua apresentação em contextos que promovam reflexão crítica sobre problemáticas urbanas e contemporâneas. A possibilidade de adaptação do projeto às características concretas de cada espaço constitui uma das suas potencialidades, permitindo ajustar a relação entre obras, espaço e visitante às especificidades de cada contexto.

Deste modo, o espaço expositivo é entendido como um elemento ativo na construção da narrativa curatorial. A articulação entre os núcleos temáticos, os dispositivos de apresentação e as características do espaço deverá contribuir para reforçar a reflexão proposta pela exposição sobre a crise da habitação e as transformações urbanas contemporâneas

2.6. Programa público

A mediação cultural constitui uma componente fundamental de *Habitar o Invisível*, procurando criar espaços de encontro, diálogo e reflexão em torno das problemáticas abordadas pela exposição. Atendendo à complexidade das questões relacionadas com a habitação, as transformações urbanas e o direito à cidade, a mediação assume um papel importante na aproximação entre os conteúdos expositivos, os artistas, os investigadores e os diferentes públicos.

Mais do que complementar a visita à exposição, o programa de mediação pretende ampliar as possibilidades de interpretação das obras e projetos e promover o debate sobre temas que atravessam a realidade urbana contemporânea. Através de conversas, visitas orientadas e encontros com artistas e coletivos, procura-se incentivar uma participação crítica dos visitantes, contribuindo para a construção de diferentes leituras sobre o habitar contemporâneo.

As atividades propostas articulam-se diretamente com os núcleos temáticos da exposição e com os projetos apresentados, criando momentos de aprofundamento das questões relacionadas com despejo, esvaziamento urbano, memória coletiva e formas de resistência associadas à habitação. Atendendo à duração prevista da exposição (três semanas), propõe-se um programa público de pequena escala que procura complementar a experiência expositiva através de momentos de encontro, reflexão e diálogo em torno das questões da habitação, das transformações urbanas e das práticas artísticas contemporâneas.

Inauguração da exposição

Abertura oficial da exposição Hab*itar o Invisível*, com apresentação do projeto curatorial e visita orientada ao percurso expositivo.

Conversa de abertura — "Habitar entre o visível e o invisível"

Conversa pública com a participação da curadora e de um convidado com trabalho desenvolvido na área dos estudos urbanos ou da habitação. A sessão procurará

refletir sobre os processos de gentrificação, financeirização da habitação e invisibilização das experiências urbanas contemporâneas, estabelecendo relações entre a investigação desenvolvida e os temas abordados na exposição.

Associação Cobalto — *Crise da Habitação e Transformação Urbana*

Conversa com membros da Associação Cobalto sobre o desenvolvimento da instalação Vazio. e sobre os impactos da especulação imobiliária e da turistificação no Porto contemporâneo.

A sessão abordará:

- Processos de transformação urbana no Porto;
- Práticas artísticas enquanto forma de denúncia;
- Relações entre arte, precariedade e espaço urbano;
- Limites e possibilidades da intervenção artística perante a crise habitacional.

Visita orientada de encerramento

Visita comentada pela curadora, centrada na reflexão sobre os temas abordados pela exposição e no balanço das questões levantadas ao longo do período expositivo.

3.Componente de produção

3.1. Equipa

A concretização de *Habitar o Invisível* pressupõe uma equipa capaz de assegurar as diferentes dimensões do projeto, desde a investigação e curadoria até à produção, comunicação e mediação cultural. A estrutura proposta procura responder às necessidades específicas de uma exposição que integra obras audiovisuais, instalação, arquivo, fotografia e programação paralela.

A coordenação geral e curadoria do projeto serão asseguradas por Daiane Silva, responsável pela investigação, desenvolvimento conceptual, seleção das obras e projetos, contacto com artistas e entidades parceiras, acompanhamento da produção e supervisão da montagem expositiva. Para além da definição da narrativa curatorial, esta função inclui o acompanhamento de todas as fases do projeto, garantindo a articulação entre os diferentes intervenientes.

A produção executiva constitui uma necessidade fundamental do projeto, sendo responsável pela gestão dos empréstimos das obras, comunicação com artistas e instituições, acompanhamento de seguros, transportes, calendarização das diferentes fases de trabalho e controlo orçamental. Esta função assume particular relevância devido à presença de obras de diversas proveniências.

A montagem da exposição exige igualmente apoio técnico especializado. Atendendo à presença de projeções vídeo, conteúdos sonoros e instalação multimédia, prevê-se a colaboração de um técnico audiovisual responsável pela instalação, configuração e teste dos equipamentos necessários à apresentação das obras. Esta função inclui a montagem dos sistemas de projeção, reprodução sonora, auscultadores, monitores e restantes dispositivos técnicos necessários ao funcionamento da exposição.

A apresentação das fotografias, materiais documentais e elementos instalativos implica ainda apoio à montagem expositiva, assegurando a preparação do espaço,

instalação de suportes, fixação de obras e adaptação das soluções expositivas às características do local selecionado.

A comunicação do projeto requer o desenvolvimento de uma identidade visual própria, bem como a produção de materiais gráficos e digitais destinados à divulgação da exposição. Para esse efeito prevê-se a colaboração de um designer gráfico responsável pela produção de cartazes, convites, sinalética expositiva e materiais de comunicação digital.

Durante o período de funcionamento da exposição considera-se igualmente necessária a presença de mediadores culturais, responsáveis pelo acolhimento dos visitantes, acompanhamento de atividades paralelas e apoio às ações de mediação previstas no programa público.

Por fim, prevê-se a contratação de serviços de documentação fotográfica e audiovisual da exposição e das atividades associadas, permitindo criar um registo do projeto para efeitos de arquivo, comunicação e futura divulgação.

As funções identificadas correspondem às necessidades efetivas de desenvolvimento e implementação do projeto.

3.2. Cronograma

INVESTIGAÇÃO E ENQUADRAMENTO	**OBJETIVOS** Construir o enquadramento teórico e identificar referências curatoriais relacionadas com habitação, memória e transformação urbana.	**AÇÕES:** • Pesquisa bibliográfica • Levantamento de exposições para análise • Identificação de artistas e coletivos • Investigação sobre habitação
DESENVOLVIMENTO CURATORIAL	**OBJETIVOS** Definir o conceito expositivo e estruturar a narrativa de Habitar o Invisível.	**AÇÕES:** • Construção dos núcleos temáticos • Articulação entre obras • Definição do percurso do visitante • Seleção preliminar das obras • Desenvolvimento da narrativa • Elaboração da memória descritiva • Contacto inicial com artistas, coletivos e instituições detentoras das obras
PLANEAMENTO TÉCNICO	**OBJETIVOS** Preparar as condições técnicas, logísticas e financeiras necessárias à concretização do projeto expositivo.	**AÇÕES:** • Elaboração das fichas técnicas e lista definitiva de obras • Definição preliminar do orçamento e levantamento das necessidades técnicas • Desenvolvimento do plano de produção e cronograma de montagem; • Contratação da equipa técnica e de montagem; • Formalização de empréstimos, seguros e transportes.
COMUNICAÇÃO	**OBJETIVOS** Desenvolver a estratégia de comunicação.	**AÇÕES:** • Planeamento da comunicação e definição da identidade gráfica; • Produção gráfica, impressão de materiais e preparação da comunicação; • Divulgação pública da exposição e preparação logística final.
IMPLEMENTAÇÃO	**OBJETIVOS** Assegurar a preparação da exposição para abertura ao público.	**AÇÕES:** • Transporte das obras e preparação do espaço expositivo; • Montagem da exposição e instalação dos equipamentos audiovisuais; • Testes técnicos, ajustes expositivos e montagem final; • Inauguração da exposição.
MEDIAÇÃO E ENCERRAMENTO	**OBJETIVOS** Promover o envolvimento dos públicos e concluir o projeto expositivo.	**AÇÕES:** • Programa de mediação cultural, visitas orientadas e conversas públicas; • Desmontagem da exposição; • Devolução das obras, encerramento financeiro e avaliação final do projeto.

3.3. Orçamento

Orçamento de Exposição

Habitar o Invisível

	Descrição	Observações	Valor
Recursos Humanos	Curadoria e coordenação (Desenvolvimento conceptual, investigação, seleção de obras e acompanhamento do projeto)		**800,00 €**
	Produção executiva (Contacto com artistas, gestão de empréstimos, cronograma e orçamento)		**450,00 €**
	Técnico audiovisual (Instalação e configuração de projeções, som e equipamentos multimédia)		**300,00 €**
	Apoio à montagem e desmontagem (Instalação das obras e preparação do espaço expositivo)	2 técnicos	**250,00 €**
	Designer gráfico (Desenvolvimento da identidade visual e materiais de comunicação)		**310,00 €**
	Documentação fotográfica (Registo da exposição e das atividades públicas)		**300,00 €**
Honorários Artísticos	Associação Cobalto		**400,00 €**
	Gonçalo Fonseca		**400,00 €**
	Left Hand Rotation	O coletivo autorizou a apresentação das obras sem custos de empréstimo ou cedência	**0,00 €**
	Cultura em Expansão		**250,00 €**
Equipamentos e Produção Técnica	Projetor	Dependendo do espaço de acolhimento selecionado, parte destes recursos poderá já existir na instituição parceira, reduzindo significativamente os custos de produção. Em alternativa, poderá ser solicitada a cedência temporária de equipamentos através de parcerias institucionais ou apoios.	**0,00 €**
	Sistema de som		**0,00 €**
	Auscultadores		**0,00 €**
	Cablagem e acessórios		**0,00 €**

Produção Expositiva	Impressão de textos e legendas	**150,00 €**
	Folhas de sala (100 exemplares)	**60,00 €**
	Materiais de montagem	**100,00 €**
Comunicação	Cartazes A3 (15 exemplares)	**80,00 €**
	Divulgação digital	**100,00 €**
Logística	Transporte de obras e materiais	**350,00 €**
	Participação de convidados	**200,00 €**
Programação e Mediação	Conversas públicas e visitas orientadas	**150,00 €**
Contingência	Reserva para despesas imprevistas	**350,00 €**
	TOTAL	**5 000,00 €**

Notas:

Os valores atribuídos aos honorários artísticos constituem uma estimativa preliminar e não resultam de acordos formais com os participantes. Os montantes foram definidos para efeitos de planeamento orçamental, tendo em consideração o número de obras apresentadas, a natureza da participação de cada artista ou coletivo e a eventual colaboração em atividades públicas associadas à exposição. Tratando-se de uma proposta académica com orçamento limitado, os valores deverão ser posteriormente negociados com cada participante, podendo assumir a forma de honorários artísticos, direitos de apresentação ou empréstimo de obras. Como referência metodológica, foram considerados os princípios de remuneração artística propostos pelo programa Kunstenaarshonorarium (Mondriaan Fund, Países Baixos), que reconhece a necessidade de remuneração dos artistas pela apresentação pública do seu trabalho em exposições temporárias. Kunstenaarshonorarium. (s.d.). Guideline for artists' fees. Mondriaan Fund. https://kunstenaarshonorarium.nl/en/guideline-for-artists-fees/

Importa referir que os custos associados aos equipamentos audiovisuais apresentados Dependem do espaço de acolhimento selecionado, parte destes recursos poderá já existir na instituição parceira, reduzindo significativamente os custos de produção. Em alternativa, poderá ser solicitada a cedência temporária de equipamentos através de parcerias institucionais ou apoios em espécie, estratégia frequentemente utilizada em projetos expositivos de pequena e média dimensão.

3.4. Financiamento

A concretização de Habitar o Invisível pressupõe um orçamento estimado de 5.000€, destinado a assegurar honorários artísticos, produção expositiva, equipamentos audiovisuais, comunicação, mediação cultural e despesas logísticas associadas à implementação do projeto. Considerando a escala da proposta e o seu enquadramento no contexto cultural da região Norte, foram identificadas diferentes possibilidades de financiamento que poderão contribuir para a sua viabilização.

Uma das fontes de financiamento mais adequadas ao projeto corresponde ao Procedimento Simplificado da DGArtes[27], programa destinado ao apoio de iniciativas artísticas e culturais de menor dimensão, com montantes compreendidos entre 500€ e 5000€. Este instrumento apresenta particular relevância para *Habitar o Invisível*, uma vez que o valor máximo de apoio coincide com o orçamento global previsto para a exposição. Para além da adequação financeira, o projeto enquadra-se nos objetivos de promoção da criação artística, da reflexão crítica e do acesso à cultura, aspetos valorizados neste tipo de candidaturas.

Outra possibilidade relevante é o programa Norte Pontual[28], promovido pela CCDR-N, que apoia iniciativas culturais desenvolvidas na Região Norte. Este programa destina-se a responder a necessidades específicas de projetos culturais de pequena e média dimensão, prevendo apoios até ao montante máximo de 5000€. A pertinência desta linha de financiamento relaciona-se não apenas com a localização geográfica do projeto, mas também com a sua forte ligação a questões urbanas e territoriais que atravessam a realidade contemporânea das cidades portuguesas, em particular do Porto. O caráter local da investigação, a colaboração com artistas e coletivos que desenvolvem trabalho na região e a relevância social do tema constituem aspetos que reforçam a adequação da candidatura a este programa.

Para além dos apoios financeiros diretos, prevê-se o estabelecimento de parcerias institucionais e apoios em espécie, estratégia frequentemente utilizada na concretização de projetos culturais e recomendada nos processos de candidatura a

[27] DGArtes — Programa de Apoio a Projetos: Procedimento Simplificado. Disponível em: https://www.dgartes.gov.pt/pt/apoio/9489
[28] CCDR-N — Norte Pontual. Disponível em: https://www.ccdr-n.pt/pagina/norte-pontual

financiamento. Estas parcerias poderão assumir diferentes formas, nomeadamente a cedência de espaços expositivos, equipamentos audiovisuais, apoio técnico à montagem, serviços de comunicação ou colaboração na programação pública. A colaboração com instituições culturais, estruturas municipais, associações artísticas ou entidades académicas poderá contribuir significativamente para a redução dos custos de produção, reforçando simultaneamente a rede de apoio ao projeto.

A articulação entre financiamento público e apoios em espécie procura garantir a sustentabilidade financeira de Habitar o Invisível, permitindo diversificar as fontes de apoio e reduzir a dependência de um único mecanismo de financiamento. Esta estratégia contribui igualmente para fortalecer a dimensão colaborativa do projeto e a sua integração no contexto cultural e institucional onde se insere.

4. Comunicação

A comunicação de *Habitar o Invisível* constitui uma componente fundamental do projeto, contribuindo para a sua visibilidade pública, para a criação de públicos e para a disseminação das questões abordadas pela exposição.

A implementação do plano de comunicação pressupõe a colaboração de um designer gráfico responsável pelo desenvolvimento da identidade visual do projeto e pela produção dos diferentes materiais gráficos e digitais. A criação de uma linguagem visual coerente permitirá assegurar a unidade comunicacional da exposição em todos os suportes utilizados.

Os materiais de comunicação previstos incluem cartaz de divulgação, convite digital, folha de sala, conteúdos para redes sociais, comunicado de imprensa e materiais de apoio às atividades de mediação.

A estratégia de comunicação organiza-se em três momentos distintos: comunicação prévia à inauguração, comunicação durante o período expositivo e comunicação pós-exposição. Esta estrutura procura não apenas divulgar o evento, mas também documentar o projeto e prolongar a circulação dos conteúdos produzidos para além do período de apresentação pública.

Os materiais de comunicação previstos incluem:

- **Cartaz da exposição** (formato A3, impressão de aproximadamente 15 exemplares);
- **Convite digital** para divulgação da inauguração e das atividades paralelas – custo incluído no desenvolvimento da identidade gráfica;
- **Folha de sala** (formato A4 dobrado, impressão de aproximadamente 100 exemplares) contendo informação sobre o projeto curatorial, artistas participantes e percurso expositivo;
- **Sinalética expositiva**, incluindo títulos de secções, legendas e textos de parede, produzida em papel ou vinil conforme as características do espaço expositivo;

- **Comunicado de imprensa** destinado a meios de comunicação social e plataformas de divulgação cultural – sem custos adicionais previstos;
- **Conteúdos digitais para redes sociais**, incluindo publicações de divulgação, apresentação dos artistas, atividades de mediação e registos da exposição – custo incluído no desenvolvimento gráfico;
- **Registo fotográfico da exposição e das atividades paralelas**, destinado à documentação e divulgação posterior do projeto;
- **Registo audiovisual das atividades de mediação e conversas públicas**, integrado no plano de documentação do projeto.

Atendendo à dimensão do orçamento previsto, não se contempla a produção de catálogo impresso. Em alternativa, poderá ser disponibilizada documentação digital da exposição, reunindo informação sobre o projeto curatorial, artistas participantes e atividades desenvolvidas.

4.1. Plano de comunicação

A divulgação de Habitar o Invisível será desenvolvida através de uma estratégia de comunicação híbrida, articulando meios digitais, divulgação institucional e comunicação de proximidade. O objetivo principal é garantir visibilidade ao projeto junto de públicos ligados às artes visuais, estudos urbanos, movimentos sociais e comunidade local.

Divulgação antes da inauguração

- A divulgação irá iniciar, aproximadamente três semanas antes da inauguração
- Materiais de divulgação:
    - Cartaz oficial da exposição;
    - Divulgação digital nas redes sociais (Instagram; Facebook; email institucional; grupos e plataformas culturais independentes);
    - Convite digital;
    - Comunicado de imprensa.

- Divulgação física (afixação de cartazes em espaços culturais e universitários; divulgação em cafés, livrarias independentes e associações culturais).

Comunicação durante a exposição

Durante os dias da exposição serão produzidos:

- Registos fotográficos;
- Vídeos curtos das atividades;
- Cobertura das conversas e vistas orientadas;
- Publicações em tempo real nas redes sociais.

Comunicação pós-exposição

Após o encerramento da exposição serão publicados:

- Documentação fotográfica;
- Síntese das atividades realizadas;
- Arquivo digital das conversas.

Desta forma, pretende-se criar memória documental do projeto e manter acessível os conteúdos produzidos.

Referências Bibliográficas

Butler, J. (2011, 1ª ed. 2004), *Vida Precária: Os Poderes do luto e da Violência*, Autêntica Editora.

Foster, H. (2004), *An Archival Impulse*, *October*, volume (110)

Gadanho, P. (Org.) (2014), *O Processo SAAL: Arquitetura e Participação 1974-1976*, Fundação de Serralves.

Heidegger, M. (2015). *Construir Habitar Pensar* (Trad. J. Escudero). laOficina Ediciones de Valdeiglesias. (Obra original publicada em 1951).

Lefebvre, H. (2001, 1ª ed. 1968), *O Direito à Cidade*, Letra Livre.

Lind, M. (2010), *Selected Maria Lind Writing*, Sternberg Press.

Mendes, L. (2017), *Gentrificação e políticas de reabilitação urbana em Portugal: uma análise crítica à luz da Lei Cristas*, *Cadernos Metrópole*, volume 19 (número 39), páginas 483-511.

Novais, T., & Tavares Pereira, L. (2025). *Mais do que casas: Como vamos habitar em abril de 2074?* MUDE/FAUP.

Rancière, J. (2010, 1ª ed. 2000), *A Partilha do Sensível: Estética e Política*,, Editora Kuanza.

Reis, J., Rodrigues, J., Santos, A., Teles, N., Castro Caldas, J., Hespanha, P., Ferreira, S., Pacheco, V., Leite, J., Costa, H. A., Carvalho da Silva, M., Ramos de Almeida, J., Casimiro Ferreira, A., & Pureza, J. M. (2014). *A economia política do retrocesso*. Almedina.

Santos, A. C. (2018), *A Nova Questão da Habitação em Portugal*, Conjuntura Actual Editora.

Seixas, J. (2021), *A Cidade na Encruzilhada: Reimaginar a Política e a Democracia Urbana*, Afrontamento.

Smith, T. (2012). *Thinking contemporary curating*. Independent Curators International.

Filmografia e Documentos Audiovisuais

Cultura em Expansão. (2022). *Como (re)escrever a história da cidade do Porto?* [Podcast]. Spotify. https://open.spotify.com/episode/4h6Dy2olZYRJ1r9SMnyWRn

Fonseca, G. (2018). *New Lisbon* [Série fotográfica]. Fascínio da Fotografia. https://fasciniodafotografia.com/2021/07/26/goncalo-fonseca-new-lisbon/

Left Hand Rotation. (2017). *Bonfim. Islas del Tesoro* [Vídeo]. Vimeo. https://vimeo.com/217832214

Left Hand Rotation. (2019). *O que vai acontecer aqui?* [Documentário]. Vimeo. https://vimeo.com/lefthandrotation

Exposições

Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra. (2026). *HabitAção!* [Exposição].

Gadanho, P. (Cur.). (2014). *O processo SAAL: Arquitetura e participação, 1974–1976* [Exposição]. Museu de Serralves.

Novais, T., & Tavares Pereira, L. (2024). *Mais do que casas: Como vamos habitar em abril de 2074?* [Exposição]. MUDE – Museu do Design / Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Santiago, R. (2023). *Um Fogo* [Exposição]. Sismógrafo.

Recursos Online

Eurostat. (2026, April 7). *House prices and rents went up in Q4 2025*. European Commission. https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/w/ddn-20260407-1